



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

DANIELA DOS SANTOS AMÉRICO

**O QUE POSSO APRENDER COM AS FÁBULAS INFANTIS?
Um estudo com mães e filhos sobre Habilidades Sociais**

**SANTARÉM-PARÁ
2022**

DANIELA DOS SANTOS AMÉRICO

**O QUE POSSO APRENDER COM AS FÁBULAS INFANTIS?
Um estudo com mães e filhos sobre Habilidades Sociais**

Dissertação de Mestrado Acadêmico apresentada junto ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Irani Lauer Lellis

Linha de Pesquisa 3: Formação humana em contextos formais e não formais na Amazônia

**SANTARÉM-PARÁ
2022**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFOPA

- A512q Américo, Daniela dos Santos
O que posso aprender com as fábulas infantis: um estudo com mães e filhos sobre habilidades sociais / Daniela dos Santos Américo. – Santarém, 2021.
- 86 f.
Inclui bibliografias.
- Orientadora: Irani Lauer Lellis.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
1. Leitura (primeira infância). 2. Habilidades sociais. 3. Educação infantil. 4. Narrativa (Retórica) 5. Arte de contar histórias I. Lellis, Irani Lauer, *orient.*
II. Título.

CDD: 23 ed. 371.39

DANIELA DOS SANTOS AMÉRICO

**O QUE POSSO APRENDER COM AS FÁBULAS INFANTIS?
Um estudo com mães e filhos sobre Habilidades Sociais**

Dissertação de Mestrado Acadêmico apresentada junto ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Conceito: APROVADA
Data da Defesa: 16/12/2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Irani Lauer Lellis

Orientadora e Presidente da Banca – Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA

Prof^ª. Dr^ª. Talita Pereira Dias

Examinadora Externa – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto

Examinador Interno – Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA

RESUMO

As narrativas infantis podem contribuir no desenvolvimento do hábito de ler e no desenvolvimento das habilidades sociais em crianças. A pesquisa teve como objetivos a) Identificar possíveis conteúdos das classes de habilidades sociais nas fábulas; b) Avaliar as habilidades sociais das crianças antes e após a leitura de fábulas. Participaram da pesquisa dez crianças, que responderam ao Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (SSRS/BR), em dois momentos: antes da apresentação de sete fábulas infantis e após sua apresentação. As fábulas foram pré-selecionadas por membros do Laboratório de Habilidades Sociais - LEHS – por apresentar características de Habilidades sociais infantis em sua narrativa. Verificou-se alteração dos dados referentes às respostas na autoavaliação de Habilidades Sociais. Entretanto, os dados mostraram a necessidade de se avaliarem outros recursos, variáveis e métodos tais como: durabilidade do tempo antes e após as crianças assistirem às fábulas, investigação mediante grupo controle, reaplicação do estudo fora do contexto de pandemia, amostra maior de participantes; aplicação do inventário de forma presencial e apresentação das fábulas de outras maneiras, mediante dramatização, leitura etc, para expandir as possibilidades de investigação e, conseqüentemente, de resultados concisos no trabalho com as habilidades sociais em contextos diversos.

Palavras Chaves: Habilidades Sociais; Narrativas, Infância;

ABSTRACT:

Children's narratives can contribute to the development of the habit of reading and the development of social skills in children. The research aimed to: a) Identify possible contents of social skills classes in fables; b) Assess children's social skills before and after reading fables. Ten children participated in the research, who responded to the Social Skills Assessment System (SSRS/BR), in two moments: before the presentation of seven children's fables and after their presentation. The fables were pre-selected by members of the Social Skills Laboratory - LEHS - for presenting characteristics of children's social skills in their narrative. There was a change in the data referring to the responses in the self-assessment of Social Skills. However, the data showed the need to evaluate other resources, variables and methods such as: durability of time before and after children watch the fables, investigation using a control group, reapplication of the study outside the context of a pandemic, larger sample of participants; application of the inventory in person and presentation of the fables in other ways, through dramatization, reading, etc., to expand the possibilities of investigation and, consequently, of concise results in the work with social skills in different contexts.

Keywords: Social Skills; Narratives, Childhood

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Quadro 1 – Classificação das Habilidades Sociais	16
Quadro 2 – Critérios de Competência Social	20
Quadro 3 – Tipos de Déficits e suas correlações	21
Quadro 4 – Os Processos de Aprendizagem de Habilidades Sociais e suas definições	22
Quadro 5 – Classes e Subclasses das Habilidades Sociais Infantis.....	28
Quadro 6 – Tipos de Gêneros Narrativos	40
Quadro 7 – Resultados encontrados nas bases de dados em busca pelas palavras-chave principais da pesquisa	51
Quadro 8 – Resultados encontrados nas bases de dados em busca pelas palavras-chave principais da pesquisa (com recorte temporal 2005 a 2020)	52
Quadro 9 – Artigos selecionados de acordo com o título associado a relevância do assunto	53
Quadro 10 – Obras escolhidas para compor as referências bibliográficas	54
Figura 1 – Fluxograma da sistematização de seleção das pesquisas	54
Quadro 11 – Dados dos participantes	61
Quadro 12 – Relação entre fábulas e HS	71
Tabela 1 – Tabulação dos dados obtidos através da aplicação do SSRS/crianças	74

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

ANPEPP – Associação Nacional de Pós-graduação em Psicologia

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa

ECA – Estatuto da Criança e Adolescente

HS – Habilidades Sociais

HSE – Habilidades Sociais Educativas

LEHS – Laboratório de Educação e Habilidades Sociais

OMS – Organização Mundial de Saúde

PNAS – Política Nacional de Assistência Social

PPGE – Programa de Pós-graduação em Educação

THS – Treinamento de Habilidades Sociais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 HABILIDADES SOCIAIS.....	14
2.1 Conhecendo as Habilidades Sociais	15
2.2 Competência Social	19
2.3 O processo de aprendizagem e ensino de Habilidades Sociais.....	21
2.4 A importância de estimular o acréscimo de Habilidades Sociais em Crianças.....	24
2.5 Problemas de comportamento em Habilidades Sociais	35
3 LEITURAS E NARRATIVAS.....	39
3.1 Especificando as diversas formas de Narrativas Infantis.....	40
3.2 A Leitura e o Desenvolvimento Infantil.....	44
3.3 Fábulas Infantis e Contos Educacionais.....	49
3.4 Estudos e Pesquisas sobre o uso da Literatura associado ao Desenvolvimento Infantil.....	50
3.5 Fábulas Infantis e Habilidades Sociais: uma contribuição à educação.....	58
4 METODO	60
4.1 Participantes.....	60
4.2 Local.....	62
4.3 Instrumentos.....	62
4.3.1 Fábulas.....	62
4.3.2 Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competências Acadêmicas para Crianças (SSRS-BR)	63
4.4 Procedimento de Coletas de Dados	65
4.5 Procedimento para Tratamento de Dados	67
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	70
5.1 Relações entre as Fábulas e Habilidades Sociais.....	70
5.2 Inventário de Habilidades Sociais: escala para crianças (SSRS/crianças) .	73
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICES.....	84

1 APRESENTAÇÃO

Você se lembra quando lhe foi apresentado a leitura? Lembro de deitar com minha mãe e vê-la, durante boa parte da minha infância, lendo diferentes livros. Lia no descanso entre um trabalho e outro, levava seus livros para as reuniões de família e no quarto, antes de dormir, por vezes, chamei-a e a via completamente distante da realidade, presa em um mundo que começou a me fazer sentido pouco tempo depois. As narrativas antes de dormir, as histórias em quadrinho pela casa, aos poucos deram espaço para livros não tão coloridos, com menos figuras e mais páginas.

Diversas histórias e personagens proporcionaram condições de conhecer lugares distantes, encarar problemas variados e viver situações até então desconhecidas, sem sair do lugar. As narrativas têm essa condição, apresentam ao leitor eventos e experiências de realidades distintas. Os personagens passam por desafios e dificuldades, apresenta-se ao leitor alternativas para resolver os problemas da história e essas podem se encaixar facilmente na realidade presente.

Segundo Fontes (2018) é possível fazer a associação entre a história contada e as situações que se apresentam no dia a dia, e com isso, torna-se mais fácil buscar explicações ou respostas para os atos e acontecimentos da nossa realidade.

Dentre as narrativas, as voltadas para o público infantil, têm a intenção de demonstrar condutas e suas possíveis consequências, apresentar origens e significados de eventos e costumes da sociedade e explanar sobre possíveis ocorrências e comportamentos (BRITO, 2010). Para prender a atenção do público almejado, as histórias contêm elementos fantasiosos ou extraordinários, podendo ser cômicas e do repertório imaginativo das crianças.

A riqueza de personagens, condutas sociais, sentidos, significados e comportamentos variados contidos nas narrativas infantis, podem ser trabalhados como importantes ferramentas para a educação. No desenrolar do desenvolvimento infantil, as narrativas materializadas na prática da leitura pelas crianças podem estimular o desenvolvimento de diversas funções psíquicas superiores do ser humano, como a linguagem, a compreensão, a atenção, a criatividade, a imaginação e o raciocínio (VIGOTSKI, 2009), e, portanto, um material a ser utilizado nos métodos educacionais. Dentre as opções de narrativas, os mediadores buscam aquelas que contém reflexões que as crianças podem utilizar no convívio, como honestidade, amizade, lealdade, coragem e bondade.

Dentre as narrativas infantis, a utilização de fábulas para transpassar informações e ensinamentos básicos para o desenvolvimento infantil se dá por estas conterem elementos lúdicos e uma linguagem compreensível a tal público. Segundo Souza (2008), o processo de imaginação é essencial para o amadurecimento cognitivo do ser humano, através dele são elaboradas constatações sobre a realidade e nosso papel perante a sociedade. O uso de materiais adequados para estimular a criatividade tornam a compreensão mais fácil. Queiroz et al. (2017), constata que o ensinar e aprender não estão somente nas escolas, eles podem vir da família, da comunidade, dos grupos sociais e dos espaços de interação. A educação não-formal é tão importante quanto o conhecimento sistematizado das redes de educação, pois fazem o indivíduo conhecer as regras e condutas corretas para a interação social.

Comportamentos considerados habilidosos socialmente como os propostos em muitas narrativas infantis têm sido alvo de estudos das Habilidades Sociais (HS). De acordo com Del Prette e Del Prette (2017b), trata-se de comportamentos ou atuações que são socialmente aceitos e trazem, ao indivíduo que o apresenta, diversos benefícios, como inclusão no meio social, desenvolvimento da comunicação e compreensão. Ser apresentado e conhecer tais comportamentos leva a criança a desenvolver plenamente suas capacidades sociais e cognitivas, resultando em qualidade de vida.

As habilidades sociais são apreendidas e seu repasse pode ocorrer de diversas formas: observando instrutores e modelos, sendo guiado ou mediado, através de exemplos ou por conta das consequências das ações realizadas. A oralidade é uma forma de transmitir ensinamentos e pode ser realizada através de componentes lúdicos das histórias, tais histórias podem ajudar as crianças a compreenderem e associarem a reflexão com a vida real (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

As habilidades sociais são mutáveis, de acordo com o grupo social, a cultura e o meio, as concepções do que é aceitável ou não podem mudar. Del Prette e Del Prette (2017c) classificaram as assertivas esperadas por adultos, adolescentes e crianças, e meio infantil apontou que condutas de civilidade, empatia, autocontrole de emoções, assertividade, manutenção de amizades, soluções de problemas interpessoais e habilidades sociais acadêmicas são almejadas para um arcabouço de habilidades socialmente aceito e considerado adequado ao indivíduo em formação.

Esta pesquisa se originou da ideia de que as narrativas infantis, em especial as fábulas por conter ensinamentos de moral e ética, que poderiam servir como

instrumentos de ensino de habilidades sociais, e, dessa forma, o acréscimo de habilidades sociais através da utilização das fábulas nesses espaços, poderiam ser associadas a instrumentos e inventários de Treinos em Habilidades Sociais (THS) que, ainda que criados com a finalidade de ensinar e modelar HS, são de difícil acesso.

As narrativas são classificadas de acordo com sua estrutura: tempo, personagens, gêneros, espaço, linguagem, etc., para esta pesquisa foi escolhido o gênero textual das fábulas, por apresentar elementos textuais atrativos ao público infantil, como personagens fantásticos, enredo curto e linguagem simples. Também possuem a moral por trás da história, um elemento que auxilia os leitores a destacar a reflexão e intuíto da narração (FONTES, 2018).

A 'moral da história' está ligada às possíveis consequências dos atos dos personagens e podem estimular crianças a compreenderem comportamentos e seus prováveis resultados, ou seja, pode ser trabalhada como uma forma de repasse de habilidades sociais. Sendo assim, essa pesquisa baseia-se na seguinte questão: as fábulas podem contribuir no desenvolvimento de habilidades sociais nas crianças?

Para esta pesquisa foram escolhidas as fábulas de Monteiro Lobato por estarem dispostas ao acesso da comunidade e também estarem cotadas a serem transmitidas e utilizadas em escolas e centros educacionais da rede pública de educação.

A pesquisa teve como objetivo conhecer as habilidades sociais de crianças que exploram as fábulas como atividade de leitura. Para isso, pretendeu-se: a) Identificar possíveis conteúdos sobre as classes de habilidades sociais nas fábulas, b) Avaliar as habilidades sociais das crianças antes e após a leitura de fábulas; Está subdividida nas seguintes seções: habilidades sociais, leituras e Narrativas, metodologia, resultados e discussões, e considerações finais. As seções visam conceituar e explicar cada conteúdo, baseando-se em artigos, obras atuais, a descrição da pesquisa em campo e os resultados obtidos sobre cada tema explanado.

A seção que retrata as habilidades sociais busca elucidar as pesquisas recentes realizadas sobre o tema, sua relevância na atualidade, e a importância de se trabalhar habilidades sociais em crianças. A seção sobre fábulas buscou caracterizá-las como categorias de narrativas, sua estrutura e origem, e a importância de utilizá-las como ferramentas educativas para crianças. Ainda nessa seção realizou-se um

levantamento sobre as obras que discorrem fábulas com habilidades sociais e como estas foram acessadas para a construção desta pesquisa.

O método é disposto a seguir, descrevendo a construção teórica e em campo da pesquisa, suas condições de acordo com as normas de levantamento de dados, a escolha sobre o espaço, o público e as condutas. A seção de resultados e discussões trouxe a análise proveniente da coleta de dados com os participantes da pesquisa, esses resultados foram discutidos de acordo com as obras de autores que realizaram pesquisas sobre o tema, buscando contextualizar os dados encontrados com argumentação bibliográfica.

2 HABILIDADES SOCIAIS

A sociedade cresceu a partir da interação do homem com a coletividade. Desde os primórdios, fez-se necessário o desenvolvimento também das formas de interação entre os seres, não que houvesse maneiras normatizadas de se interagir, mas, as expressões e manifestações de trato entre as pessoas passaram a acrescentar condições para melhorar a qualidade do contato entre os indivíduos envolvidos em determinados grupos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008).

Os seres humanos encontram-se em constante mudança e, por tal, as condutas e ações devem ser observadas e treinadas para apresentarem melhores formas de atuação no meio de convívio. De acordo com Del Prette e Del Prette (2017a) a utilização de determinados comportamentos no cotidiano vai muito além de boas relações, eles são responsáveis também por crescentes desenvolvimentos cognitivos, sociais e culturais, apropriados para capacitar o sujeito a novas desenvolvimentos.

Adentra-se, portanto, no campo das habilidades sociais, uma crescente temática de pesquisa que, apoiada em áreas como psicologia, educação, antropologia e sociologia, vem explorando a capacidade humana de aderir comportamentos desejáveis em determinados locais e situações para melhor interagir com o grupo de convívio. Os resultados nessa área demonstram que, além de condutas desejáveis, são acrescentadas contribuições pessoais para o desenvolvimento do indivíduo e do coletivo a qual este pertence (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

As pesquisas acerca do tema das 'habilidades sociais' são recentes no país, datando o final da década de 90, mas este é um campo em expansão. Grande parte dos materiais obtidos têm embasamento em pesquisas feitas em outros países que, por não condizerem com os comportamentos considerados adequados no Brasil, nem sempre podem ser utilizadas em âmbito nacional. Os autores Almir Del Prette e Zilda Del Prette se destacam na área de pesquisas em Habilidades Sociais no Brasil, sendo eles os primeiros a publicar artigos sobre o tema no país e, atualmente, são os principais autores no Brasil em termos de produção na área das Habilidades Sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

Nesta seção tem-se o intuito de conceituar e caracterizar as habilidades e competência social, explanar sobre o campo de estudo destas, seus principais precursores, a importância de efetuar o treinamento em habilidades sociais, retratar o

campo das habilidades sociais em crianças e apontar a importância de estimular o acréscimo de habilidades para o desenvolvimento cognitivo e social destas.

2.1 Conhecendo as Habilidades Sociais

O campo das habilidades sociais passaram a ser destaque em outras grandes áreas, como a educação e saúde, pois habilidades sociais estão associadas a indicadores positivos relacionados ao bem-estar, rendimento acadêmico, saúde, sucesso profissional e desenvolvimento socioemocional (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

A área das HS busca investigar o comportamento social no contexto de interações sociais, e como o treinamento oferecido pelo campo de pesquisa poderia auxiliar no melhor desenvolvimento individual e coletivo. Nesse sentido, diferentes áreas contribuíram com informações que serviram de base para o campo das Habilidades Sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

O reconhecimento do campo das habilidades sociais se dá pela área estar sendo cada vez mais reconhecida como fator de desenvolvimento humano, ou seja, possuir, estimular e apresentar as habilidades sociais em suas formas, nos locais e eventos adequados gera ao indivíduo bem-estar (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017b).

Muitas das habilidades são transpassadas por relações interpessoais e, para tal, há a necessidade de interação entre os seres para, muito além dos fatores biológicos, desenvolver plenamente suas capacidades. Segundo Del Prette e Del Prette (2014), as relações começam no círculo familiar tendem a condicionar o indivíduo às condutas que são adequadas não apenas aquele círculo, mas, aos demais que virão a partir desse contato inicial, pois, em um segundo momento o sujeito amplia suas esferas para o grupo da comunidade em que mora, a escola que frequenta e outros grupos de interesse que lhe serão apresentados. Para ser aceito pelos indivíduos já pertencentes a tais grupos, deve-se apresentar condutas e comportamentos condizentes com o que lhe é esperado.

A maioria das normas de conduta não está formalizada ou prescrita, mas faz parte de um senso comum que indica a necessidade de exercê-la em determinados locais ou condições, como é o caso de apresentar cordialidade ao entrar em um local público, apesar de não haver norma prescrita sobre essa ação, ela é requerida, bem

vista e gera resultados positivos aos envolvidos; quando não realizada pode haver coerção ou até repreensão (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

As HS variam, dependendo do local, do tempo, das pessoas que ali atuam, dos costumes e das condições financeiras, religiosas, culturais e de gênero, ou seja, ações que são aceitas em determinado espaço podem ser restringidas quando apresentadas em outros locais (CABALLO, 2012). Percebe-se assim que os costumes são condicionados pelo meio em que são apresentados.

Conforme afirma Del Prette e Del Prette (2017a), muito além de ser aceito naquele meio, as condutas apresentadas pelo sujeito, em determinadas situações, fazem com que este adquira valores e capacidades de atuar de maneira plena em sua condição. Os autores apontam que as relações saudáveis envolvem três elementos fundamentais: **Interdependência** – todos estamos ligados e contribuímos para um bem comum –; **Aceitação** – aceitar, além dos elementos que nos unem, nossas diferentes formas de agir, pensar e se apresentar, sendo esse um ponto chave para que haja respeito entre os membros de um determinado grupo –; **Solidariedade** – Ato de enxergar as necessidades do outro e buscar meios de prover o necessário a condição humana e social.

As habilidades sociais foram classificadas em classes e subclasses pelos autores Del Prette e Del Prette (2017b), sendo estas reconhecidas como importantes etapas a serem apresentadas no decorrer do desenvolvimento humano. A maioria das classes de Habilidades Sociais está interligada, sendo necessária expressar proficiência em uma para melhor desenvolver a outra, e a má elaboração de uma acaba por influenciar nas demais.

Quadro 1 – Classificação das Habilidades Sociais

CLASSES	SUBCLASSES
1. Comunicação	Iniciar e manter conversas, fazer e responder perguntas, pedir e dar <i>feedback</i> , elogiar e agradecer, opinar, comunicar-se de forma direta e indireta;
2. Civilidade	Cumprimentar e/ou responder cumprimentos, pedir 'por favor', agradecer, desculpar-se;

3. Fazer e manter Amizades	Iniciar conversação, apresentar informações livres, ouvir e fazer confidências, demonstra gentileza, manter contato sem ser evasivo, expressar sentimentos, dar <i>feedback</i> , manter contato, convidar e aceitar convites, fazer contato em datas festivas e manifestar solidariedade diante de problemas;
4. Empatia	Manter contato visual, aproximar-se do outro, escutar, colocar-se no lugar do outro, expressar compreensão, incentivar a confiança, demonstrar disposição para ajudar, compartilhar alegria e realização do outro;
5. Assertividade	Defender direitos, questionar, opinar, concordar, discordar, solicitar explicações, manifestar opiniões, fazer e recusar pedidos, expressar raiva, pedir mudança de comportamentos, desculpar-se e admitir falha, manejar crítica, falar com a pessoa que exerce papel de autoridade;
6. Expressar Solidariedade	Identificar as necessidades do outro, oferecer ajuda, expressar apoio, engajar-se em atividades sociais construtivas, compartilhar, cooperar, expressar compaixão, participar de reuniões e campanhas de solidariedade, fazer visitas a pessoas com necessidades, consolar, motivar colegas a fazer doações;
7. Manejar Conflitos e Resolver Problemas	Acalmar-se, exercitar o autocontrole, reconhecer, nomear e definir o problema, identificar comportamentos de si e dos outros associados à manutenção ou solução de problemas, elaborar alternativas de comportamentos, propor alternativas de solução, escolher, implementar e avaliar cada alternativa;
8. Expressar Afeto e Intimidade	Aproximar-se e demonstrar afetividade ao outro por meio de contato visual, sorriso, toque, fazer e responder a perguntas pessoais, dar informações livres, compartilhar acontecimentos de interesse do outro, cultivar o bom humor, manifestar gentileza, fazer convites, demonstrar interesse pelo bem-estar do outro, lidar com relações íntimas e sexuais, estabelecer limites;
9. Coordenar grupos	Organizar atividades, distribuir tarefas, incentivar a participação, controlar o tempo e o foco, dar <i>feedback</i> , fazer perguntas, mediar interações, expor metas, elogiar, parafrasear, resumir, distribuir tarefas, cobrar desempenho e tarefas, explicar e pedir explicações, verificar compreensão sobre o problema;

10. Falar em Público	Cumprimentar, distribuir o olhar pela plateia, usar tom de voz audível, modulando conforme o assunto, fazer/responder perguntas, apontar conteúdo de matéria audiovisual, usar humor, relatar experiências pessoais, relatar acontecimentos, agradecer a atenção ao finalizar.
----------------------	--

Fonte: Del Prette e Del Prette (2017b).

Observa-se no 'Quadro 1' as classes e subclasses classificadas por Del Prette e Del Prette (2017b). Segundo os autores a manifestação destas classes ou subclasses é mais ou menos requerida dependendo da etapa do desenvolvimento em que a pessoa se encontra, sendo necessário que esta tenha pleno domínio da etapa anterior para que haja o manejo de novas etapas. Por exemplo, a criança que demonstrar dificuldades não resolvidas na classe da comunicação poderá apresentar um maior déficit em falar em público futuramente.

Dentro da discussão sobre habilidades sociais, também se faz necessário fazer a diferenciação do conceito de 'Competência social'. Apesar dos conceitos desta estarem atrelados no decorrer de muitas pesquisas, não devem ser confundidos.

2.2 Competência Social

A Competência Social encontra-se dentro do contexto das habilidades sociais como ferramenta avaliativa. De acordo com Del Prette e Del Prette (2017a, p.14), "a competência social refere-se à efetividade do desempenho em uma interação social, ou seja, aos resultados da interação de indivíduo e para o seu grupo social, supondo a coerência entre o pensar, o agir e o sentir". Sendo assim, além de utilizar o repertório de habilidades sociais, o indivíduo deve atingir o objetivo esperado.

A identificação e o uso de comportamentos deve ser regulado pelo indivíduo. Se faz necessário ter conhecimento sobre quais ações usar, em quais ocasiões, qual intensidade e quais as consequências destas. Dessa forma, o indivíduo não deve ater-se somente ao repertório de habilidades sociais, mas saber adequá-las a cada ocasião ou situação que se apresentar. De acordo com Bandeira et al. (2006) a competência constitui uma complexa capacidade de interpretar e solucionar as situações presentes, indo além de empregar as habilidades, possuir o conhecimento necessário para saber onde e quando empregá-las.

Um exemplo dessa aplicação das habilidades sociais pode ser visto num caso hipotético de uma personagem: Carol conheceu Ana e quer manter amizade com ela. De suas experiências anteriores, Carol tem conhecimento de que em amizades há troca de confidências, e, logo no primeiro contato, compartilha experiências íntimas e cobra que Ana faça o mesmo, ação essa que acaba por assustar e, conseqüentemente, afastar Ana.

Na classe de habilidade sociais 'Fazer e manter Amizades' há a subclasse 'Ouvir e fazer confidências', logo, era de se esperar que essa ação entre Carol e Ana acabasse por criar intimidade entre as duas; entretanto, a utilização prematura dessa subclasse gerou um resultado contrário, fazendo com que o vínculo não se consolidasse. A habilidade necessária estava no repertório de Carol, e esta tinha conhecimento de que deveria utilizá-la, em contrapartida, ela não soube avaliar o momento do uso, tornando a habilidade inadequada.

Del Prette e Del Prette (2017a) discutem a competência social como critérios avaliativos que apontam se a habilidade utilizada alcançou ou não o resultado esperado.

Dois dimensões, ambas amparadas por regras de convivência humana de acordo com a cultura vigente, são utilizadas para ancorar o objetivo esperado pelo comportamento do indivíduo: a **dimensão instrumental** que visa as conseqüências positivas imediatas obtidas através daquela forma de interação, e a **dimensão ética** que aponta as conseqüências imediatas e a curto e longo prazo para os envolvidos, ou seja, atuante, receptor e sociedade (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a). Dessa forma, busca-se analisar que cada conseqüência produz efeitos em diferentes prazos e devem ser escolhidas de acordo com o requisito dos participantes. Por exemplo, Bandeira et al. (2006, p.61) constataram que a "competência acadêmica variou em função dos indicadores sociodemográficos e pôde identificar grupos com maiores dificuldades".

Os autores Del Prette e Del Prette (2017b) trabalham com uma série de critérios para avaliar as competências sociais e essas são solucionadas por questões que indicam se determinada condição foi alcançada ou não, conforme o Quadro 2 exposto a seguir.

Quadro 2 – Critérios de Competência Social

CRITÉRIOS	QUESTÕES INDICATIVAS
Consecução do objetivo	Consegui(ram) alcançar o(s) objetivos(s) da tarefa interpessoal?
Manutenção/melhora da autoestima	A interação afetou de maneira neutra, negativa ou positiva a autoestima e a satisfação dos que dela tomaram parte?
Manutenção/melhora da qualidade da relação	Ambos os participantes da interação buscaram novas oportunidades de contato social? Um dos participantes da interação evitaria contatos futuros?
Equilíbrio as trocas entre os interlocutores	O desempenho dos participantes da interação contribuiu para o equilíbrio de trocas? Ou aumentou o desequilíbrio, beneficiando mais a um do que a outro ou em detrimento do outro.
Respeito/implicação dos direitos humanos interpessoais	O desempenho dos participantes contribuiu para manter ou ampliar direitos socialmente estabelecidos, como, por exemplo, o direito de ser ouvido e levado a sério, de expressar opinião, de discordar, de ser respeitado em sua dignidade e integridade física ou moral.

Fonte: Del Prette e Del Prette (2017b).

Tais critérios podem contemplar resultados imediatos, a curtos ou a longo prazo, sendo necessário validar se essa condição foi ou não buscada por ser atuante, uma vez que o objetivo a ser alcançado só é efetivo se ele se adequa ao tempo em que é esperado. Segundo Del Prette e Del Prette (2017c, p. 18) “Os estudos sobre os efeitos negativos da baixa competência social mostram que ela pode constituir: a) sintomas de transtorno psicológico; b) parte dos efeitos de vários transtornos; c) sinais de alerta para vários problemas em ciclos posteriores do desenvolvimento”.

Possuir discernimento para demonstrar uma habilidade social não é a única condição, é necessário saber aplicá-la e compreender que, se tratando de competências sociais, o resultado não precisa ser excepcional, nem sempre aquela ação irá refletir em uma consequência conforme a planejada por seu atuante, mas, é preciso que os resultados desejáveis sejam alcançados (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017a).

2.3 O processo de aprendizagem e ensino de Habilidades Sociais

Conforme discutido anteriormente, as habilidades sociais se fazem imprescindíveis em vários aspectos da vida cotidiana, seja para manter boas relações

com familiares, amigos ou colegas, seja para apresentar condições de atuar livremente em sociedade, para fazer pedidos ou negociações, para começar conversas ou discutir aspectos de possíveis mudanças. Dentre os aspectos do desenvolvimento humano, uma das áreas de grande valia para a apresentação de habilidades socialmente desejáveis, é a da educação e do ensino e aprendizagem destas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008).

Os processos de ensino e aprendizagem abarcam aspectos muito além do conhecimento normativo, pois é entrando em contato com o outro que o indivíduo aprende também a estabelecer as suas relações interpessoais, constituindo contato com situações fora do seu círculo familiar e que pedem atuações diferenciadas para serem devidamente contempladas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017c).

As habilidades sociais são aprendidas, e, para que ocorra a aprendizagem, é necessário que o indivíduo se encontre numa situação nova e que precise saber manusear e testar suas experiências e comportamentos a fim de saber como agir. Interagir em situações novas é também uma forma de ser exposto a déficits e recursos que antes não se tinha conhecimento, leva a reflexão sobre o próprio comportamento e a avaliação das mudanças que precisam ser feitas para que os resultados esperados sejam alcançados (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2014).

Déficits são dificuldades que, independentemente da idade, a pessoa pode apresentar enquanto busca apreender um novo comportamento. A presença destes pode se alongar para as demais áreas de atuação da pessoa e causar diversos danos a sua forma de interação com o outro. No 'Quadro 3', estão sendo apresentados os tipos de déficits que uma pessoa pode reproduzir.

Quadro 3 – Tipos de Déficit e suas correlações

Tipo de Déficit	O que são?
AQUISIÇÃO	O sujeito não sabe como se comportar diante das situações novas, possui dificuldade para responder às propostas e solicitações que lhe são apresentadas. Não sabe como responder às situações que se apresentam.
DESEMPENHO	Refere-se ao pouco uso dos comportamentos adequados, o indivíduo possui o repertório, mas, por escolha, não o utiliza ou utiliza com baixa frequência.
FLUÊNCIA	A habilidade é desempenhada, podendo ser até no contexto e frequência corretos, mas a forma como é exposta não alcança o propósito esperado.

Fonte: Del Prette e Del Prette (2017a).

Segundo Del Prette e Del Prette (2017a), reconhecer seus próprios déficits é um caminho para saber como superá-los. É necessário que o indivíduo saiba compreender seu comportamento para que ocorra a modelação para uma habilidade desejável. A partir disso é possível compreender que essas dificuldades de realizar os comportamentos geram transtorno para o desenvolvimento social da pessoa, podendo estender-se para o cognitivo e, conseqüentemente, para o impedimento de aquisição de novas capacidades.

O campo das habilidades sociais, ainda que novo, busca identificar as ações expressas pelos indivíduos e a consequência destas na vida dele. Assim, é possível classificar e compreender o funcionamento e as possíveis respostas. Aprender essas habilidades e saber utilizá-las gera importantes benefícios para a pessoa. A compreensão dessas habilidades pode ser feita a partir dos processos listados no 'Quadro 4, a seguir:

Quadro 4 – Os Processos de Aprendizagem de Habilidades Sociais e suas definições

PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE HABILIDADES SOCIAIS	DEFINIÇÃO
INSTRUÇÃO	Um mediador instrui o indivíduo aos comportamentos desejáveis e quando estes devem ser aplicados. Pode ser apresentado na forma de normas de conduta explicando em quais situações aquelas devem ou não serem reproduzidas.
MODELAÇÃO	Aquisição de comportamentos por meio de observação, exemplos ou modelos. O indivíduo é apresentado ao evento e busca no comportamento de outras pessoas a resposta a ser reproduzida.
CONSEQUÊNCIAS	Os resultados esperados, após se apresentarem uma vez, reforçam o indivíduo a reproduzir o comportamento novamente. Futuramente o indivíduo irá conduzir suas ações para reproduzir a consequência.

Fonte: Del Prette e Del Prette (2017a).

Deve-se levar em consideração que as HS não são repassadas apenas no ambiente familiar, estas podem estar presentes no contexto escolar, na interação com os colegas ou integrantes da comunidade que a criança participa. Os possíveis resultados de crianças em ambientes que pouco vivenciam a modelagem de HS, é o que o estudo de Guerra e Del Prette (2020) apresenta ao trabalhar com 36 crianças, residentes de uma casa de acolhimento: os dados obtidos pela aplicação dos inventários demonstraram resultados alarmantes quando comparados com crianças não institucionalizadas. Crianças Institucionalizadas apresentaram baixo repertório de HS. Apesar de não garantir a generalização, o estudo serve de alerta para o baixo desenvolvimento de crianças quando expostas a ambientes sem ou com pouca instrumentação de HS.

Segundo Del Prette e Del Prette (2017a) a criança, ainda no começo da apresentação das habilidades sociais e déficits, precisa de um adulto mediador que apresente que comportamentos diferentes e mais assertivos são o correto para que se alcance seus objetivos. Depois de compreender os comportamentos necessários para cada situação, faz-se necessária a automonitoria dos comportamentos para que se perceba onde estão sendo reproduzidos os déficits, encará-los e resolvê-los.

A automonitoria pode ser aprendida inicialmente em situações mais fáceis e gradativamente mais difíceis. A auto-observação constitui condição indispensável para isso e implica a capacidade de relatar os próprios comportamentos, pensamentos e sentimentos. Essa capacidade está relacionada às bases iniciais de autoconhecimento (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017b, p.55).

É preciso ter conhecimento sobre as próprias aquisições e limites para expor-se às habilidades requeridas, para facilitar as escolhas de onde serão expostas esta ou aquela habilidade, deve-se conhecer o ambiente em que se encontra. A avaliação própria vai além de saber qual o repertório que possui, mas também distinguir seu uso e ter domínio no meio em que irá utilizá-lo. Segundo Casali-Robalinho, Del Prette e Del Prette (2015, p.329), “Esses estudos são importantes para orientar o planejamento de intervenções mais focadas em determinadas classes de habilidades sociais, conforme os problemas apresentados pela criança e, dessa forma, ampliar sua viabilidade e efetividade junto à família e à escola”.

2.4 A Importância de estimular o acréscimo de Habilidades Sociais em Crianças

Nos deparamos com o seguinte cenário: uma criança ingressando no ensino fundamental. Tudo lhe é desconhecido, todas as interações são novas, esse indivíduo sai da zona de conforto que é o ambiente familiar e comunitário e ingressa no ambiente escolar, onde existem novos desafios, personagens com comportamentos diferentes e são requeridas habilidades e competência diferentes. É necessário ousar, arriscar, tentar se adequar às novas normas requeridas e as normas mais exigentes. A coerção extingue comportamentos não adequados, o reforçamento acrescenta novos que lhe eram estranhos ou pouco usados em casa, os colegas e educadores passam a ser instrumentadores de comportamento e julgadores também. Novas interações são colocadas como desafios, ainda mais com crianças que apresentam um repertório maior, seja pela idade ou pela quantidade de contatos (PIZATO; MARTURANO, 2014).

A escola torna-se fundamental para o desenvolvimento de recursos de apoio à criança, no que diz respeito à construção de um repertório de comportamentos para enfrentar o mundo. É nos anos iniciais principalmente, que a experiência escolar irá favorecer o ajustamento ao papel de estudante, podendo influenciar de forma positiva ou negativa os resultados escolares e em especial o desenvolvimento da competência social (BENITEZ, FLORES, 2002; TRIVELLATO-FERREIRA, MARTURANO, 2008).

Pesquisadores de várias instituições têm indicado que o desenvolvimento das habilidades sociais influenciam o desempenho acadêmico dos alunos. Estudos como os de Fernandes, et al. (2018), atestam para esta relação: Os autores objetivaram testar um modelo de predição para o desempenho escolar, tendo como variáveis independentes as habilidades sociais, a percepção de apoio social da família, professores e pares e o histórico de reprovação dos estudantes. Participaram da pesquisa 311 alunos do 8º e 9º ano do E.F., provenientes de escolas públicas. Mediante o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes e a Escala de Percepção de Apoio Social foi possível constatar que o total de habilidades sociais e a percepção de apoio social dos professores explicaram 22% no que diz respeito à variabilidade do desempenho escolar dos estudantes. Os resultados apontaram que as habilidades sociais dos alunos, bem como sua percepção de apoio social dos professores se correlacionaram de forma positiva com o seu desempenho escolar.

Estudos apontam ainda para outros fatores que as habilidades sociais podem contribuir para diminuir, como é o caso da evasão escolar. Um dos motivos para a evasão escolar ocorre porque a reprovação prejudica as atividades acadêmicas e as

relações interpessoais dos alunos e estes tendem a ficar desmotivados e, conseqüentemente, abandonarem os estudos. O baixo desempenho entre estudantes é um dos fatores responsáveis pela evasão escolar (HALLAHAN; KAUFFAMAN, 2003). Alunos que passaram por reprovações ou possuem estigmas da parte de professores, como ser esperado deles poucos resultados ou resultados baixos/negativos, tendem a se esquivar de atividades acadêmicas, sejam elas para melhorar seus índices ou para criar relações interpessoais, ou seja, o baixo desempenho leva a inclusão, praticada ou pelos colegas ou pelo próprio indivíduo que tem um autoconceito negativo sobre si (ORTIGÃO; AGUIAR, 2013). Nesse sentido, as habilidades sociais podem contribuir melhorando todas as relações interpessoais perpassadas no ambiente escolar.

As habilidades sociais estão associadas ao desempenho escolar, uma vez que alunos com um bom repertório em HS tendem a apresentar poucas queixas escolares e melhores índices acadêmicos. Possuem mais habilidades para relatar desejos e angústias, solicitar ou dispensar auxílio, cooperar com colegas e professores e trabalhar soluções para situações problemas (FERNANDES et al., 2018).

A maneira como as crianças enfrentam os desafios do ingresso na escola podem influenciar toda a trajetória escolar dos alunos pelos anos seguintes (BOLSONI-SILVA; FREIRIA; MATURANO, 2010). Estudos de caráter longitudinais que abordam a influência dos primeiros anos escolares na vida posterior do estudante apontam para efeitos persistentes de dificuldades no comportamento com colegas, professores e desempenho escolar para crianças pouco habilidosas. Por outro lado, crianças com habilidades sociais altas nos primeiros anos escolares apresentam nos anos seguintes baixos problemas emocionais, de comportamento, melhor relacionamento com os professores e seus colegas e ainda melhor desempenho acadêmico.

O estudo de Bolsoni-Silva; Maturano; Freiria, (2010) de caráter longitudinal que buscou avaliar o desenvolvimento de crianças indicadas por suas professoras na Educação Infantil como apresentando problemas de comportamento ou comportamentos socialmente habilidosos, em dois momentos: quando tinham cinco anos e quando tinham 10 anos trouxe fundamentos que amparam a concepção da influência de se trabalhar as Habilidades sociais nos primeiros anos escolares, pois estes terão influência nos posteriores dos alunos.

Nesse sentido, Bolsoni-Silva, Freiria e Maturano (2010) realizaram um estudo com a participação de 48 professoras de 62 crianças de ambos os sexos e utilizaram como instrumento o Questionário de Respostas Socialmente Habilidosas para Professores e Escala Comportamental Infantil B. As crianças foram divididas em grupos com a indicação dos professores, sendo o grupo IPC aquele contendo crianças com problemas de comportamento e o grupo ICSH contendo as crianças com comportamentos socialmente habilidosos. As crianças inicialmente eram da educação infantil e foram avaliadas em dois momentos: quando tinham cinco anos e posteriormente com 10 anos de idade. Os principais resultados apontaram que inicialmente, quando as crianças tinham 5 anos, os grupos avaliados mostraram respostas bastante diferentes. As crianças pertencentes ao grupo que anteriormente foram indicadas por suas professoras como apresentando problemas de comportamento, passado cinco anos mostraram uma diminuição nos problemas de comportamento e aumentaram os comportamentos considerados socialmente adequados. Notou-se maior atenuação das mudanças após 5 anos. Entretanto, nas duas avaliações, as crianças do Grupo ICSH, isto é, as que foram consideradas como mais habilidosas aos 5 anos de idade foram avaliadas após 5 anos como mais habilidosas ainda.

O estudo supracitado mostrou ainda que as crianças com problemas de comportamento, ainda na educação infantil, não alcançaram o nível de funcionamento dos colegas do grupo com comportamento socialmente habilidosos, perdurando com desvantagens, em especial ao que se refere aos problemas de comportamento e as habilidades de sociabilidade e expressividade emocional. Apesar deste estudo demonstrar a existência de uma tendência de os problemas de comportamento se atenuam na trajetória da educação infantil para o ensino fundamental, nota-se que o grupo considerado inicialmente com problemas de comportamento permaneceu em desvantagem, demonstrando como os comportamentos habilidosos ou não possuem implicações para ações educativas que possam proporcionar aos alunos o desenvolvimento de habilidades sociais, uma vez que as mesmas reduzem os problemas de comportamento (BOLSONI-SILVA; MATURANO; FREIRIA, 2010).

Não obstante, Casali-Robalinho, Del Prette e Del Prette (2015, p.329) também sinalizam para a importância das habilidades sociais de crianças em idade escolar como forma de contribuir para a prevenção de problemas de comportamento e, conseqüentemente, para o desenvolvimento socioemocional infantil". Percebe-se

então que o incentivo e treino em habilidades sociais pode resultar em experiências e condições mais proveitosas para o indivíduo em formação.

O campo das habilidades sociais tem na infância uma área de produção de pesquisa voltada à expressão primária e as manifestações de comportamento. Também são usados métodos de treinamento em habilidades sociais para acréscimo de condutas desejáveis e como estas são ensinadas e refletidas pelos indivíduos em desenvolvimento. De acordo com Del Prette e Del Prette (2017c), foi por meio da comparação entre as diferentes etapas do desenvolvimento e o comportamento expresso em cada um que se produziu o material para melhor compreender o homem e suas diferentes formas de atuação.

De acordo com Valle e Garnica (2009), para saber lidar com os novos desafios a criança precisa ter um grande repertório de habilidades sociais. Os autores citados apontam para a necessidade de conduzir a aquisição das habilidades e fomentar a competência social para o uso destas por crianças, pois, desde cedo irão propagar qualidade de vida, soluções de problemas, autonomia e saúde psicológica e emocional.

Segundo Del Prette e Del Prette (2017c), “a plasticidade do comportamento social na infância justifica a necessidade de investimento na promoção de saúde e bem-estar, por meio de estratégias educativas e terapêuticas”. Ou seja, os educadores utilizam-se da facilidade das crianças em aderirem ou modificarem seus comportamentos, para buscar meios de ensinar aqueles comportamentos que serão essenciais em seu desenvolvimento e identificar quais os que devem ser abandonados. É procurado, nas crianças, principalmente as seguintes habilidades sociais:

Quadro 5 – Classes e Subclasses das Habilidades Sociais Infantis

CLASSES	SUBCLASSES
CIVILIDADE	Cumprimentar pessoas, despedir-se, usar locuções como: <i>por favor, obrigado, desculpe; com licença</i> , aguardar a vez para falar, fazer e aceitar elogios, seguir regras ou instruções, fazer perguntas, responder perguntas, chamar o outro pelo nome.
EMPATIA	Observar, prestar atenção, ouvir e demonstrar interesse pelo outro, reconhecer/inferir sentimentos do interlocutor, compreender a situação (assumir perspectiva), demonstrar respeito às diferenças, expressar compreensão pelo sentimento ou experiência ao outro, oferecer ajuda/ compartilhar.

<p>AUTOCONTROLE DAS EMOÇÕES</p>	<p>Reconhecer e nomear as emoções próprias e dos outros, controlar a ansiedade, falar de emocional sobre emoções e sentimentos, acalmar-se, reconhecer e expressar os próprios sentimentos, controlar o humor, tolerar frustrações, mostrar espírito esportivo, expressar as emoções positivas e negativas, expressar compreensão dos sentimentos dos colegas.</p>
<p>ASSERTIVIDADE</p>	<p>Expressar sentimentos negativos (raiva e desagrado), falar sobre as próprias qualidades ou defeitos, concordar ou discordar de opiniões, fazer e recusar pedidos, lidar com críticas e gozações, pedir mudança de comportamento, negociar interesses conflitantes, defender os próprios direitos, resistir à pressão de colegas.</p>
<p>FAZER E MANTER AMIZADES</p>	<p>Fazer perguntas pessoais; responder perguntas, oferecendo informação livre (auto revelação); aproveitar as informações livres oferecidas pelo interlocutor; sugerir atividade; cumprimentar, apresentar-se; elogiar, aceitar elogios; oferecer ajuda, cooperar; iniciar e manter conversação ("enturmar-se"); identificar e usar jargões apropriados.</p>
<p>SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS</p>	<p>Acalmar-se diante de uma situação-problema; pensar antes de tomar decisões, reconhecer e nomear diferentes tipos de problemas; identificar e avaliar possíveis alternativas de solução; escolher, implementar e avaliar uma alternativa; avaliar o processo de tomada de decisão.</p>
<p>HABILIDADES SOCIAIS ACADÊMICAS</p>	<p>Seguir regras ou instruções orais, observar, prestar atenção, ignorar interrupções dos colegas, imitar comportamentos socialmente competentes, aguardar a vez para falar, fazer e responder perguntas, oferecer, solicitar e agradecer ajuda, buscar aprovação por desempenho realizado, elogiar e agradecer elogios, reconhecer a qualidade do desempenho do outro, atender pedidos, cooperar e participar de discussões.</p>

Fonte: Del Prette e Del Prette (2017c).

A classificação das habilidades infantis leva em consideração os comportamentos que são imprescindíveis para o desenvolvimento da criança. Del Prette e Del Prette (2011) apontam a empatia/afetividade, por exemplo como uma classe essencial para inserir a criança em comunidade social, familiar ou escolar, e desenvolver as subclasses dessa categoria requer instrução e modelagem, pois estudos desses autores apontam uma correlação de tal categoria com índices de comportamentos antissociais, violentos e não assertivos.

As classes de habilidades sociais infantis e suas respectivas subclasses expostas no 'Quadro 5' estão associadas entre si e representam as habilidades que uma criança pode exercitar em contato pleno com a comunidade, família e escola. Ainda de acordo com os autores, faz-se necessário que os adultos mediadores, pais, familiares e educadores, estimulem nos indivíduos que tais comportamentos sejam adequadamente expressados (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017c).

Uma das problemáticas atuais é o pouco conhecimento e treino sobre o repasse de habilidades sociais em crianças. Além de ter conhecimento sobre o assunto, os educadores precisam compreender a importância de estimular condutas assertivas em diferentes aspectos da vida infantil, visando que, com um maior repertório de habilidades, as crianças consigam resultados positivos e de qualidade nos diferentes âmbitos de vivência (VALLE; GARNICA, 2009).

A socialização é uma das principais formas de gerar acréscimo de habilidades sociais no repertório individual. O convívio com o outro faz o indivíduo refletir suas próprias verdades e como expressa suas ações. Segundo Del Prette e Del Prette (2017c) o meio em que a criança vive pede diferentes formas de comportamentos, e essas diversidades são expressadas no ambiente comum - a escola - fazendo com que a convivência entre diferentes indivíduos molde o início da vida em sociedade daquele indivíduo.

As condições ambientais caracterizam diversos processos de aprendizagem, principalmente os de observação ou modelação, instrução e consequência (punição e recompensa). As consequências que os desempenhos habilidosos e não-habilidosos produzem no ambiente são cruciais para a manutenção ou mudança de padrões comportamentais e para a discriminação dos sinais sociais para a emissão ou não emissão das habilidades aprendidas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017c, p.51).

O ensino das normas e condutas sociais são ditados por regimes de aprendizagem que gerem o desenvolvimento da personalidade infantil. Segundo Del Prette e Del Prette (2017c, p. 59), "Os pais utilizam, geralmente, três alternativas para promover o repertório socialmente competente dos filhos: (a) estabelecimento de regras por meio de orientações, instruções e exortações; (b) manejo de consequências, por meio de recompensas e punições; c) oferecimento de modelos". O papel da educação advinda dos pais depende também da relação que estes têm com o filho. Se a criança vê o pai como um educador, suas lições serão aderidas, se

não o vê dessa forma ou coloca esse papel em outra pessoa, acaba por questionar ou protestar contra todos os ensinamentos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008).

Já na escola, a aquisição e desempenho da criança depende da relação que esta tem com o educador e seus colegas; começa-se, nessa etapa, a refletir as competências sociais aprendidas anteriormente, no âmbito familiar. O desenvolvimento de habilidades sociais em crianças vai além de gerar comportamentos desejáveis, uma criança habilidosa refletirá em todos os demais aspectos de sua vida condições para se tornar mais assertiva. As habilidades em crianças, quando devidamente ensinadas e utilizadas, proporcionam a capacidade de resolver conflitos, interagir melhor e se autoconhecer.

São realizados estudos no campo das habilidades sociais em muitas áreas do conhecimento, e, na educação, Del Prette e Del Prette (2008) conceituam habilidades sociais educativas como aquelas que, mesmo quando aplicadas nos ambientes formais ou não formais, visavam promover o conhecimento, o repasse de normas, o desenvolvimento da aprendizagem do outro e a transmissão de informações.

Os autores ainda afirmaram que 'as habilidades sociais são chamadas de educativas em função dos efeitos que produzem ou da probabilidade de gerarem mudanças no repertório comportamental dos educandos, caracterizando um processo que deve ser realimentado por esses efeitos' (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008, p. 520).

Considera-se que a área das habilidades sociais, quando aplicadas dentro dos meios de ensino, podem desencadear fatores positivos para o desenvolvimento da aprendizagem. As habilidades sociais educativas não são designadas apenas a profissionais da área de educação, ela pode ser trabalhada e ensinada a pais para que ocorra uma atenção diferenciada e treino para soluções de problemas e tratar assuntos diversos que podem vir a surgir na realidade da criança: drogadição, sexualidade, religião, etc (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008).

A relação com os colegas e o corpo técnico do espaço estudantil resulta em conhecimento do grupo e do meio social, como se portar, atuar e os comportamentos assertivos para conseguir plena capacidade no meio. Pesquisar sobre as habilidades sociais educativas é buscar o conjunto de habilidades voltadas ao desenvolvimento e promoção do conhecimento, em ambiente formal ou não formal de ensino, e sendo praticada por todos os integrantes do espaço em questão (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2004).

Dentro dos ambientes educativos vale-se considerar também a importância do treino das habilidades sociais, que podem ocorrer espontaneamente nas relações entre indivíduos, mas, incitar a realização destes permite que sejam melhores observadas e monitoradas dentro do ambiente acadêmico. A estrutura do treinamento das HS foi descrito da seguinte forma:

- a) Avaliar o repertório inicial dos alunos de modo a identificar necessidades ou dificuldades e as variáveis a elas associadas;
- b) Definir objetivos de intervenção em termos de habilidades específicas e seus componentes comportamentais (verbais e não verbais) e cognitivo-afetivos;
- c) Planejar e implementar as discussões de treinamento de acordo com esses objetivos;
- d) Avaliar a efetividade, a validade social e a generalização dos efeitos do treinamento (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1998, p.209).

Os treinos em habilidades sociais têm bons resultados entre o acréscimo de habilidades nos repertórios infantis e na resolução de problemas de comportamento. O estudo descrito por Pasche et al. (2019), com 10 crianças com idades de 7 a 9 anos buscava inserir, através do treino em habilidades sociais, comportamentos considerados mais saudáveis no repertório dos participantes, para que, através disso, sanasse queixas escolares referentes a problemas de comportamento e de comunicação. Os 3 meses de atividades, envolvendo psicoeducação, técnicas de relaxamento muscular e respiração diafragmática, *feedback* construtivo, *role-play*, e resolução de problemas, resultaram em um convívio melhor entre as crianças e os educadores, regras pré estabelecidas e corretamente seguidas uma vez que foram criadas a partir de um consenso geral, e aprendizado sobre diferentes técnicas para relaxamento, comunicação e aderência a novas habilidades.

O treino em habilidades sociais em crianças resulta em expressões e condições favoráveis para o crescimento saudável destas; como saber lidar com suas emoções, interagir de forma plena com colegas e professores, buscar solucionar problemas das situações que lhe surgem e ser assertivo em sala de aula (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017c). Por tal, a utilização de técnicas de ensino dessas habilidades promoveria a melhora das capacidades individuais e sociais das pessoas envolvidas.

Observa-se, principalmente em crianças com dificuldades de aprendizagem, a avaliação negativa vinda de pessoas que compõem o círculo social. Del Prette e Del Prette (2005) apontam essa diferença, onde crianças com características de inadimplência escolar, histórico de agressividade, violência verbal e física, acabam recebendo avaliações negativas, e que essas não se encaixam apenas nas avaliações

de inventários, mas também a partir de concepções expostas por integrantes do grupo a própria criança, pais, professores e colegas.

Compreende-se que, dentro das instituições de ensino, quando são transmitidas frases como: 'essa turma não aprende nada', 'Estou perdendo tempo ensinando você' ou até 'você não tem capacidade para aprender', está moldando os indivíduos em formação a negatizar adquirir conhecimento e diminuir o aprendizado. Tais frases não precisam sequer ser expressadas, o fato de existirem nos pensamentos do educador já dificulta a atuação deste no espaço de trabalho, gerando o desânimo dos envolvidos.

Entender a avaliação negativa dos demais informantes leva a compreensão do porquê crianças com características de problemas de comportamento são, por vezes, rotuladas como deficientes ou portadores de transtornos psicológicos: espera-se que o déficit sejam significantes de problemas cognitivos, relacionados ao desenvolvimento. Esses jovens também se enquadram em estatísticas escolares que envolvem repetência, evasão escolar, baixo rendimento e fracasso escolar, e o questões que poderiam ser solucionadas com o treino em habilidades sociais acabam por permuta-se nas demais áreas de vivências infantis, principalmente em classes econômicas menos favorecidas e mais distante de uma socioeducação sobre as habilidades necessárias entre pais, filhos e professores para se alcançar melhor qualidade de vida (BRASIL, 2002; HALLAHAN, KAUFFMAN, 2003).

É possível compreender que as avaliações buscam analisar as diferentes classes de habilidades sociais, mas, na avaliação dos pais, crianças com problemas de comportamento também tem sua avaliação negativa na grande maioria das classes, ou seja, mesmo que o índice baixo esteja em apenas uma classe, acaba sendo avaliada assim nas demais. Gresham, Lane, Macmillan, Bocian e Ward (2000), também apontam para as avaliações de colegas. Crianças tendem a fazer uma autoavaliação positiva, mas, ao avaliar colegas demonstra-se números baixos, uma avaliação mais negativa.

Os autores Rosin-Pinola e Del Prette (2014) contextualizaram o treinamento de habilidade sociais no ambiente educacional não apenas como preditor de melhora HS assertivas, problemas de comportamento e desempenho acadêmico, como também para fornecer qualidade de relacionamentos, competências sociais e precaver índices escolares baixos, deixando claro a importância de professores não apenas saberem identificar comportamentos assertivos como possíveis déficits que deveriam ser

trabalhados e melhorado sem suas determinadas turmas, além de quais os planos de tratamentos a serem utilizados em tais casos.

Entretanto, ao trabalharmos os ambientes não formais de ensino, que se intensificaram agora com as vídeo aulas em domicílio, também trabalhamos a necessidade de os pais estarem a par e treinados para identificar ou ensinar tais habilidades. Diferente do senso comum, o ato de educar não está atribuído apenas a centros educativos. De acordo com Del Prette e Del Prette (2008, p. 519) 'A tarefa educativa pode ocorrer em contextos diversificados e sob a responsabilidade de diferentes pessoas, cuja principal característica seria o exercício de um papel socialmente atribuído ou autoatribuído de promover a aprendizagem e o desenvolvimento de outras pessoas'. Portanto, compreende-se que a educação, conseqüentemente as HS educativas podem ser encontradas nos lares, na rua, na comunidade, em clubes e demais instituições organizacionais.

A pandemia de coronavírus obrigou muitos alunos a transformarem cômodos de suas casas em espaços para aulas online, exercícios e atividades escolares. Não foram todos que tiveram possibilidade de ter, dentro de casa, um ambiente com condições adequadas para as aulas no módulo online, enquanto uns contaram com quartos totalmente adaptados para aprendizagem, outros dividiam seus espaços com várias pessoas, acústica restrita e aparelhos nem sempre funcionais, quando esses eram disponíveis. Esses são pontos que devem ser levados em consideração quando se descreve esse cenário, mas além desse e muitos outros, um novo evento se fez presente: pais ou responsáveis mais presentes no processo educacional dos filhos (DIAS, 2021).

Os pais foram levados a participar das videoaulas, questionados em perguntas que muitas vezes só apareciam em sala de aula, para os professores, solicitados a participar ativamente do processo de aprendizagem (DIAS, 2021) e levados a observar eventualidades, comportamentos, déficits e habilidades que, antes por se apresentarem somente na escola, eram vistos apenas por profissionais da educação

Nesse sentido, os espaços de educação, seja em escolas ou adaptados em casa, podem, muito além de serem um espaço para tais processos, proporcionar condições favoráveis para que sejam realizadas, mediadas e refletidas as habilidades sociais (GUIMARÃES; AERTS; CÂMARA, 2014).

Pinheiro et al. (2006) realizou um treinamento de habilidades sociais educativas com a sequência de passos estruturada em 11 semanas para pais de crianças

avaliadas com problemas de comportamento. Participaram 32 mães e 2 pais, que atestaram que tais participantes passaram a identificar e reforçar os comportamentos adequados dos filhos, ou seja, práticas não coercitivas de educação. Como resultado do treinamento houve diminuição da frequência dos problemas de comportamento e conseqüentemente melhora dos índices acadêmicos de seus filhos. Constata-se dessa forma que o treinamento proporciona melhora nas práticas disciplinares dos pais e resultados positivos nos filhos.

De acordo com Del Prette e Del Prette (1998), as crianças treinadas em habilidades sociais teriam uma capacidade maior de solucionar os problemas sociais e educativos apresentados e se encaixar nas atividades propostas. As conseqüências do treinamento seriam um significativo decréscimo nas dificuldades de aprendizagem, gerando condições favoráveis para o desenvolvimento educativo.

Um repertório de HS baixo não passa despercebido dentre os personagens de qualquer cenário, seja através de problemas de comportamento ou uso inadequado das competências. Pais, professores e colegas observam que determinada criança não apresenta os comportamentos necessários para ser incluída naquele espaço. Além da exclusão dos espaços, os indivíduos ainda apresentam baixo desempenho escolar e dificuldade de interação, ou seja, um repertório baixo influi em diversos aspectos do desenvolvimento e da qualidade de vida da criança (DEL PRETTE; GRESHAM; VANCE, 2012).

O estudo de Miles e Stepek (2006) com 400 crianças que acabaram de ingressar no ensino fundamental faz a correlação das habilidades sociais com problemas de comportamento: o aumento do desempenho escolar e fracasso acadêmico dos estudantes está relacionado a um repertório menor de habilidades sociais, principalmente acadêmicas. Com tal resultado, constata-se a necessidade dos treinos em habilidades e competências sociais na escola.

Os estudos de Cia e Barham (2009) com 97 pais e mães, 99 crianças (primeira e segunda séries) e 20 professoras objetivando relacionar o desenvolvimento socioemocional (repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento, autoconceito) e o desempenho acadêmico de crianças demonstrou que o desempenho acadêmico, o autoconceito e o repertório de habilidades sociais das crianças estiveram positivamente correlacionados entre si.

Os resultados alcançados indicaram um repertório de habilidades sociais médio na maioria dos fatores e apontaram ainda que quanto maiores os problemas de

comportamento apresentados pelas crianças, menor era o seu desempenho acadêmico, o autoconceito e o repertório de habilidades sociais (CIA; BARHAM, 2009).

Dessa forma, indica-se que as habilidades sociais estão associadas aos problemas de comportamento da seguinte forma: o repertório assertivo de HS e competências está de acordo com a menor incidência de problemas de comportamento e maior desempenho escolar. Tal constatação encontra-se confirmada na literatura (BOLSONI-SILVA, LOUREIRO, MARTURANO, 2011; GRESHAM, 2013).

2.5 Problemas de comportamento em Habilidades Sociais

Problemas de comportamento são atos não condizentes com os requeridos para os espaços e situações apresentadas. Podem surgir em caráter violento, desafiador e também destrutivo. São responsáveis não apenas pela coerção como também punição e isolamento do indivíduo, cujas ações não sejam aceitas por aquele determinado grupo (PINHEIRO, 2006).

As pesquisas sobre problemas de comportamento apontam que crianças expostas a comportamentos violentos, de negligência, não condizente a idade, onde não há controle de raiva e frustração, onde não são aplicadas ou ensinadas regras de convivências, tendem a demonstrar mal comportamento na sala de aula ou em ambientes coletivos, atitudes agressivas, verbalizações violentas, associações com grupos com comportamentos de características criminalizadas chegando então a delinquência (PINHEIRO, 2006). Os problemas de comportamento podem ser melhor identificados por pais, familiares ou professores, que observam o comportamento não condizente do indivíduo em formação.

Bolsoni e Marturano (2002), ainda reiteram em sua pesquisa que dificuldades de aprendizagem e aquisição de habilidades sociais estão diretamente ligadas a problemas de comportamento, isso porque tais problemas não se limitam a somente um ambiente da criança, quando apreendido em casa ele pode ser reproduzido no ambiente escolar, causando dificuldades de socialização, comportamentos pouco adequados à aprendizagem e a adaptação nos ambientes escolares.

Os problemas de comportamento também são estudados em relação à competência social e desempenho acadêmico. Um exemplo desse tipo de estudo foi

o realizado por Bolsoni-Silva, Perallis e Nunes (2018), que teve como objetivo descrever e comparar a frequência de problemas de comportamento, competência social e desempenho acadêmico em crianças com problemas apenas na escola, apenas na família ou em ambos os ambientes. A pesquisa contou com a participação de professoras e mães/pais/cuidadores de 77 pré-escolares, escolares, meninos e meninas com problemas de comportamento. Os instrumentos utilizados foram: CBCL *Child Behavior Checklist* e TRF *Teachers Report Form*. Os principais resultados apontaram que crianças que apresentavam problemas de comportamento, tanto no ambiente familiar quanto no escolar, apresentaram maior frequência de problemas em relação ao baixo desempenho acadêmico. Os resultados indicaram também que crianças que mostravam problemas em ambos os ambientes apresentaram menor competência social e acadêmica.

E qual seria a solução para crianças que já apresentam esses problemas de comportamento? Souza e Soares (2018) utilizaram o método Jacobson e Truax para avaliar um treinamento em habilidades sociais em crianças, o método visa comprovar a efetividade de um determinado instrumento verificando se o paciente apresenta melhora clínica confiável e significativa, o que tornaria essa melhora permanente com menor risco de recaídas. Participaram do experimento 26 crianças, em igualdade de gênero, seus responsáveis e a professora responsável por esses alunos. Após o treino em habilidades sociais observou-se melhora do comportamento, do desempenho acadêmico, diminuição dos problemas de comportamento, concluindo assim o THS como um instrumento de promoção de melhoria acadêmica, de qualidade de vida e eficaz para modificar positivamente problemas de comportamento.

Assim como os problemas de comportamento dificultam o acréscimo de habilidades sociais, o treino em HS se volta a sanar os problemas e dar subterfúgios para as crianças saberem como agir em eventualidades (PINHEIRO, 2006). Sendo uma ferramenta importante para solucionar tais comportamentos, os treinos dão aos pais e professores condições para explorar as possibilidades que as crianças têm em determinados espaços, gerando alternativas para reagir e ensinar, além de buscar gerar uma cumplicidade entre o treinador e o treinando.

Apesar de focar em comportamentos infantis, vale salientar que o treino requer uma preparação inicial do professor ou pai: o mesmo deve abdicar de linguagens ou concepções depreciativas, buscar reforçar o vínculo com o indivíduo em questão, motivar e reforçar bons comportamentos e ações assertivas de forma correta, ou seja

sem o uso de coerção ou punições para erros, e também a retirada de estímulos danosos ao processo (BOLSONI-SILVA, 2006).

De acordo com Gresham e Elliott (1990) os problemas de comportamento ainda podem ser classificados de duas formas: os problemas de comportamento externalizantes (PCE), caracterizados por atos agressivos ou destrutivos, ações violentas e coercitivas. Tais atos podem ser observados em socializações, reações a momentos de raiva ou frustração.

A relação entre o baixo desempenho escolar e os problemas de comportamento externalizantes começam a ser apresentados na infância, uma vez que crianças com essas características são menos envolvidas nas atividades escolares. Há distinção pela formação familiar desses indivíduos: as crianças advindas de lares com interações negativas e pouca instrução e modelação de HS tendem a apresentar queixas escolares e baixo desempenho, fatores correlacionados a problemas de comportamento; enquanto crianças cuja os responsáveis dispõe de organização do espaço, das atividades, do cotidiano, apoio, cuidados e transpassam valores para os indivíduos em formação, apresentam menos problemas de comportamento externalizantes (FERREIRA; MARTURANO, 2002).

Os problemas de comportamento internalizantes (PCI) surgem de forma mais subjetiva: são os pensamentos ansiosos ou depressivos, a busca por isolamento, crenças ligadas ao desamparo. Apesar de serem menos sinalizados, tais comportamentos podem ser observados pela forma como a criança reage a eles, seja se isolando, se auto criticando ou evitando utilizar as habilidades e competências adequadas a cada situação (TOZZE; BOLSONI-SILVA, 2017).

A forma de interação entre pais e filhos constitui fator relevante que interfere no repertório social dos filhos. Bolsoni-Silva, Del Prette e Oishi (2003) identificaram algumas habilidades sociais educativas dos pais como condição importante para um desenvolvimento adequado do repertório social dos filhos. Quando os pais apresentavam melhor repertório dessas habilidades, os filhos apresentaram maior frequência de comportamentos adequados; ao contrário, quando os pais apresentaram repertório pobre dessas habilidades, os filhos também apresentaram déficits interpessoais e comportamentos desadaptativos.

Assim como modelos agressivos podem ser absorvidos, habilidades favoráveis ao desenvolvimento também são repassadas. Gresham e Elliott (1990) relatam que crianças, cuja os pais que apresentam em seu repertório determinadas habilidades,

apresentam uma maior pontuação naquela classe. Ou seja, tanto a cobrança quanto os ensinamentos dentro de casa para a reprodução de determinada característica não apenas influencia como observa-se na criança uma maior frequência desses determinados comportamentos.

Sendo assim, para compreender a frequência de problemas de comportamento da criança faz-se necessário avaliar o repertório de habilidades dos pais e buscar considerar quais dessas HS são avaliadas como importantes ou não para esses pais, podendo ser essas ensinadas e cobradas com mais afinco, apresentando assim, resultados mais altos nas análises infantis (GRESHAM; ELLIOTT, 1990).

3 LEITURAS E NARRATIVAS

A utilização da literatura como forma de entreter e estimular vai além da leitura de histórias, ela transpassa valores, condutas e saberes de grupos sociais e de suas crenças e culturas. O livro, como conhecemos hoje, evoluiu das conversas orais, transcritas para que fossem melhores preservadas e, as mais antigas, hoje compõem um importante acervo que constituem parte da memória da humanidade (MARTINS, 2013).

Adentrar no campo da leitura é compreender a importância para a atualidade. Por mais que a tecnologia venha ganhando gradativo espaço na vida das pessoas, os livros evoluíram para acompanhar o progresso. Hoje já é possível acessar de diversas plataformas textos antes contidos apenas em bibliotecas. Vem sendo realizadas diferentes formas de conscientizar o homem da importância da leitura, buscando que, com a realização desse ato no cotidiano, ocorram significativas melhoras nos processos linguísticos, cognitivos, interpretativos, criativo e social (BRITO, 2010).

A literatura oferece ao indivíduo uma série de representações morais, éticas, linguísticas e comportamentais. Com esse argumento, a implantação de espaços de leituras, não apenas em bibliotecas, mas dentro das salas de aulas, ginásios, auditórios e instituições de proteção, criaram a possibilidade de unir o imaginário com o real dentro e fora dos meios formais. Espaços voltados à leitura de narrativas vêm se disseminando em escala internacional, uma vez que se enunciaram o sucesso desses espaços em retirar indivíduos de uma realidade de criminalidade, injustiças sociais e até misérias que vivenciavam em seu dia a dia. É pela linguagem criativa e bem humorada dos livros que se transporta para a reflexão individual, e assim, o leitor, ao refazer conceitos, liberta-se de angústias, medo, constrangimentos, preconceitos, graças ao acesso a textos que lhe oferecem prazer e encantamento (CRISTÓFANO, 2015).

Nesta seção, será explicitado os gêneros literários e quais serão utilizados na pesquisa para atrair a atenção e se tornarem acessíveis à compreensão infantil. Buscou-se explicar a importância do ato da leitura para o desenvolvimento cognitivo e social de crianças, associado com a aquisição de comportamentos e pensamentos assertivos e a utilização da literatura como ferramenta educativa dentro das instituições de ensino.

3.1 Especificando as diversas formas de Narrativas Infantis

As narrativas compõem o imaginário da sociedade desde o início da escrita. Livros já foram censurados, estórias escondidas e a curiosidade do homem acompanha as narrativas que, desde a propagação dos livros para a comunidade, encanta, surpreende e provoca anseios em todos os que a buscam (MARTINS, 2013).

A literatura adiciona fatores positivos no desenvolvimento do imaginário infantil e da linguística. As ferramentas lúdicas são meios de prender a atenção de crianças, mas com bases em questões reais, que transpõe as páginas dos livros para a realidade pré-escolar e familiar. Os livros tornam-se ferramentas de aprendizados importantes e de fácil acesso e as narrativas geram na criança, mecanismos para inventar, imaginar, solucionar problemas e encontrar saídas para conflitos, sendo estes atos importantes para o desenvolvimento da cognição (MARTINS, 2013).

As formas narrativas evoluíram, sendo expressadas de diferentes maneiras. Cada época passou a ser caracterizada por um gênero predominante, que era mais buscado pelos leitores, e assim se desenvolveram diferentes formas de literatura. Travaglia (2007), afirma que as narrativas podem apresentar-se de diferentes formas: com figuras lúdicas ou reais, eventos fantasiosos ou históricos, personagens animados ou verdadeiros. Os estilos narrativos foram classificados e subdivididos, de acordo com o estilo e formas em que o gênero se apresentava.

O 'Quadro 6' apresenta os diferentes gêneros literários de acordo com Travaglia (2007, p. 40).

Quadro 6 – Tipos de Gêneros Narrativos

GÊNERO	DESCRIÇÃO
ROMANCE	É um tipo de texto que possui um núcleo principal com outros pequenos enredos secundários. Outras histórias vão se desenvolvendo enquanto a trama principal se desenrola. O Romance se subdivide em diversos outros tipos: Romance policial, Romance romântico, etc. É um texto longo, tanto na quantidade de acontecimentos narrados quanto no tempo em que se desenrola o enredo.

NOVELA	Apresenta diferentes narrativas e acompanha o tempo cronológico, sendo desenvolvido de maneira sequencial. Tem maior extensão e uma quantidade maior de personagens.
CONTO	Narrativa curta, que envolve apenas um conflito. Possui poucos personagens, cenário concentrado e espaço diminuído. É o relato de um evento que pode acontecer na vida dos personagens envolvidos. Pode ter um caráter real ou fantástico da mesma forma que o tempo pode ser cronológico ou psicológico.
CRÔNICA	Retrata fatos cotidianos, é caracterizada por ter poucos personagens (ou até nem um, podendo ser apenas reflexiva), se desenrolar em um espaço reduzido e ser descrita a partir de uma linguagem simples. Narra fatos do cotidiano das pessoas, situações vividas.
FÁBULA	É uma produção textual que tem como objetivo passar algum ensinamento ou lição moral aos receptores. Os personagens, em sua maioria, podem ser animais com características humanas (falantes, que mantêm relações, ainda que com espécies diferentes, e comportamentos humanóides), ou humanos em situações fantásticas. O núcleo pode ser único ou com um único problema dividido entre as percepções dos personagens.
ANETODA	Este gênero possui núcleo e narrativa simples, tem um caráter engraçado e almeja produzir o riso. Em sua maioria, é repassado pelo caráter oral, necessitando do apoio da interpretação daqueles que a expõem.
LENDA	São tipos textuais fantásticos, com o intuito de repassar ensinamentos ou acontecimentos históricos a partir da combinação destes com situações fantasiosas. Os personagens podem ser reais ou animados, é sustentada por meio da oralidade, torna-se conhecida e só depois é registrada através da escrita. O autor, portanto, é o tempo, o povo e a cultura.

Fonte: Travaglia (2007, p. 40).

As narrativas são formas de narração de fatos, podendo ser apresentadas de diversas maneiras, se diferenciando pelos eventos, linha temporal, lugar, personagens, causa, modo e consequências. Dentre essas, tanto as fábulas, quanto

lendas e contos, se distinguem por ter um caráter lúdico e fantasioso capaz de prender a atenção de crianças.

Personagens animados e conhecidos pela criança estimulam a imaginação e criatividade, além de gerar a reflexão sobre situações que se repetem no meio real. De acordo com Ferreira e Pretto (2012) as narrativas são realmente importantes no desenvolvimento da criança em sua totalidade, mas a razão do sucesso destas reside justamente no fato de abordarem a linguagem emocional em que a criança se insere. Muitas vezes representando sua realidade com símbolos. A criança se encontra aberta para identificar tais símbolos em histórias infantis, comparar sua questão com a situação exposta na história e encontrar uma solução que antes parecia indecifrável aos seus olhos.

Nesta pesquisa, foi escolhido o gênero textual da fábula, por possuir o diferencial de contar com características morais para gerar reflexão, objetivando transmitir certa moralidade aos receptores da história. A escolha do uso de fábulas, dentre tantas outras formas de narrativa, se dá por essas trabalharem com personagens animados fantásticos, que prendem a atenção de crianças e, ainda assim, fazem a associação com condutas reais dos seres humanos. Outro importante motivo são os ensinamentos morais que as baseiam, e como estes podem ser associados às habilidades sociais.

Toda fábula apresenta situações conflituosas que geram reflexões reais no indivíduo, a luta entre o mais forte e o mais fraco, condutas empáticas, pregação de valores de honestidade, amizade, empatia e solidariedade e autoconhecimento. As performances descritas nas fábulas podem colaborar para ponderações sobre as consequências de seus atos, onde o indivíduo pode ganhar ou perder dependendo de seu comportamento (ROSA, 2013).

A origem das fábulas vem da própria linguagem do homem que, buscando transmitir suas vivências e herança cultural, utiliza-se da oralidade para levar aos demais seus feitos, por vezes utilizando-se de figuras fantasiosas, seja para dar ênfase a história ou para dar a ela um ponto extraordinário. De acordo com Terezin e Scherer (2018) as fábulas foram originadas dos antigos provérbios, tendo função de educar e repassar informações, a elas foram atribuídos cenários e personagens imaginários como forma de deixar a história mais fantasiosa.

Atribui-se a Hesíodo a primeira fábula do Ocidente, inserida em *Os trabalhos e os dias* em um momento crucial da narrativa, em que se discute sobre o

papel da justiça. A palavra utilizada por Hesíodo para designar a história do rouxinol e do gavião é *áivos*, que significa um discurso importante, conto ou provérbio (TEREZIN; SCHERER, 2018, p 98).

Apesar da primeira obra ser atribuída a Hesíodo, é a Esopo que são imputadas o conjunto de fábulas que contam com os elementos lúdicos, como árvores e animais falantes e cenário fantasioso, e intenção moral por trás da narrativa. Sem uma origem específica, acredita-se que Esopo tenha sido escravo de um filósofo de nome 'Xanto', na Grécia antiga, que transmitia suas histórias por meio da oralidade e teria sido linchado até a morte por conta do uso do sarcasmo em suas falas. As histórias de Esopo foram repassadas por gerações, sendo atribuídos novos elementos, ganhando espaço em manuscritos e sendo traduzida até os dias de hoje sem que houvesse necessidade de alteração no tempo, visto que os subsídios utilizados originalmente ainda são cabíveis na atualidade (TEREZIN; SCHERER, 2018).

Conquistando cada vez mais espaço dentro da literatura, as fábulas ganharam autores que se baseiam na técnica de Esopo para conceber novas narrativas. Em sua maioria, as histórias passaram a retratar a realidade moral, política e social expressadas através de sátiras, sendo breves com fundo cômico, como é o caso de Fedro (século I d.C.), que introduziu a fábula na literatura latina, traduzindo e fazendo uso de muitos dos elementos presentes nas fábulas de Esopo, criando assim as 'fábulas esópicas de Fedro' (TEREZIN; SCHERER, 2018).

Demais elementos foram incorporados ao gênero textual, baseando-se nos anseios do público. Dois mil anos após Esopo dar início a propagação desse gênero textual, o francês Jean La Fontaine (1621-1695), considerado o 'pai da fábula moderna', reuniu uma série de pequenas obras no livro de sua autoria, 'fábulas', acrescentando um estilo poético na descrição de personagens e cenários e contendo consequências para os atos de ganância, vaidade, arrogância e agressividade nas condutas de seus personagens (PALLOTTA, 2008).

De acordo com Pallotta (2008) foi baseado em Esopo e La Fontaine, que o brasileiro José Monteiro Lobato (1882-1948) criou as obras infantis que fizeram sucesso no país. Monteiro Lobato atribuiu ao cenário rural do país os acontecimentos fictícios, acrescentando também lendas e acontecimentos locais, que deram às histórias características nacionalistas. Seus personagens se deparam com seres fantásticos brasileiros, como a mula-sem-cabeça, o saci e a mãe d'água, e também seres mitológicos, como minotauro, centauro e a medusa, para demonstrar a mistura

dos elementos de diferentes culturas. Suas fábulas são conhecidas e muito utilizadas nos materiais didáticos das escolas do país.

As narrativas infantis podem contribuir no desenvolvimento do hábito de ler e no desenvolvimento das habilidades sociais em crianças. Dessa forma, torna-se essencial explorar a compreensão das histórias e como essas são internalizadas e externalizadas na forma de comportamentos sociais que, apoiados nas normas expostas, modificam a conduta observável da criança (SANTOS, 2019).

3.2 A Leitura e o Desenvolvimento Infantil

A leitura, antes restrita apenas a algumas classes sociais, hoje encontra-se presente e necessária a toda a sociedade. Desde pequenos anúncios até os manuais necessários para o desenvolvimento da comunidade, ler vai muito além de conhecer o símbolo e seu significante. De acordo com Santos (2019) o ato da leitura também foi responsável pelo desenvolvimento de diferentes capacidades do homem. Muito além de buscar a compreensão do que é dito, ler estimula diversas capacidades cognitivas, desde a interpretação do símbolo expressado até a reflexão por trás da história.

Os livros se transformaram, saíram dos limites do papel para estarem presentes em plataformas digitais e programas virtuais. A evolução não interferiu na performance da ferramenta, apenas a deixou mais atraente e acessível para a sociedade cada vez mais tecnológica, porém, além de desenvolver a tecnologia, é necessário criar receptores capazes de ter conhecimento de sua utilização e importância, não apenas ter capacidade de manusear novos livros digitais, e sim de buscar manter exercitado o ato da leitura.

A leitura é uma ação ensinada pelos meios educacionais da sociedade para que o indivíduo possua plenas capacidades de compreensão sobre aquilo que lhe rodeia, mas apenas ler não estimula as capacidades cognitivas que podem ser desenvolvidas quando esse ato é estimulado e realizado com frequência. Tendo em vista as melhorias educacionais e pessoais que a criança pode alcançar ao ter na leitura uma ação frequente, um dos grandes desafios da escola é tornar essa ação prazerosa a ponto de estabelecer um interesse próprio saudável (SANTOS, 2019).

Os materiais lúdicos e formas de interpretação acabam por ser importantes ferramentas para prender a atenção dos mais jovens, livros infantis, com figuras e

personagens animados, também tem sua parcela de cooperação, mas o material mais importante é a imaginação que é incitada durante o ato. De acordo com Rosa (2013) o processo criativo é estimulado quando a criança se coloca no lugar dos personagens da história, se enxergando como herói ou heroína com o intuito de buscar solucionar o problema apresentado. A imaginação gera sentimentos de alegria ou tristeza, cria laços de empatia entre os indivíduos e o personagem, e também faz com que a criança busque soluções para problemas reais que podem vir a surgir em sua vida.

Buscar estimular a criatividade é desenvolver capacidades cognitivas benéficas para que o indivíduo saiba lidar com situações adversas. As narrativas cooperam ao apresentar eventos que são comuns ao cotidiano convertidos em situações fantasiosas. A compreensão infantil parte de eventos extraordinários para gerar associação com ocorrências reais e, a partir de então, fazer a compreensão do que está se desenrolando no meio, sendo esta uma forma de interpretar os eventos presentes (SANTOS, 2019).

Ter contato com os eventos contidos nas narrativas podem exprimir diversos sentimentos nas crianças, e também ensiná-las a lidar quando estes estiverem presentes em seu cotidiano. Desenvolver a consciência emocional é possuir um autoconhecimento sobre suas capacidades e limitações. Rodrigues e Tavares (2009) apontam que as relações sociais, desenvolvimento afetivo-emocional, conhecimentos, saberes e compreensão do mundo real, processamento de informações sociais, análise de situações específicas e tomada de decisões são processos cognitivos desenvolvidos ou acrescidos com a estimulação da leitura em crianças.

Em uma sociedade onde a compreensão textual se faz cada vez mais necessária, fazer a interpretação dos textos apresentados é imprescindível. Segundo Brito (2010) a compreensão do objetivo do texto traz sentido à história e gera a reflexão correta sobre os eventos retratados. De início, estimular a interpretação é questionar sobre o que foi exibido, às intuições, o cenário e os objetivos da obra. Com a adequada repetição dessa atividade, a criança, por si só, saberá buscar no enredo os pontos específicos a serem registrados sobre a narrativa. Veja-se então a necessidade do mediador para a realização dessa tarefa.

Os primeiros contatos do sujeito com o mundo literário devem ser realizados por um mediador capaz de conduzir a história de maneira empolgante e significativa, pois esse será o ponto de partida para que a criança veja nos livros um caminho

prazeroso para compreender os espaços e eventos que a cercam. Apesar de não haver o estímulo em todas as casas ou advindas de todas as famílias, na escola, o educador pode mediar essa atividade de maneira lúdica para o público infantil. Segundo Rodrigues e Tavares (2009) o direcionamento dos professores para a utilização dos contos infantis gera melhora nos comportamentos dos participantes, foco nas tarefas específicas e contribuição das percepções da criança.

A linguagem também foi acrescida, ao confrontar a criança com palavras novas ao seu repertório. Os símbolos empregados durante a narrativa são associados à realidade imaginária que a criança desenvolve, gerando assim seu significante de maneira mais lúdica a compreensão infantil. Criar um vasto repertório de palavras e frases melhora as condições de comunicação, compreensão e relações interpessoais do indivíduo. O facilitador tem papel fundamental no ato da leitura, uma vez que trazer aquela realidade alternativa para a sala de aula, faz com que os alunos transponham as limitadas e precoces barreiras de significantes e atribuam representações para os símbolos que lhes são apresentados (RODRIGUES; TAVARES, 2009).

É possível observar então que estimular a leitura é benéfico para diversas formas de desenvolvimento infantil. Os aspectos específicos ou não, visam expor de maneira lúdica a criança à realidade de sua sociedade, empregando a essa termos, condutas e pensamentos que serão guias para que se utilize de forma plena e adequada, suas capacidades (ROSA, 2013).

Não tão longe dos jogos, as atividades realizadas com crianças, como meio de entreter e ensinar, também oferecem diferentes repasses de condutas esperadas pela sociedade, ainda de acordo com Ferreira e Pretto (2012) a leitura de narrativas infantis compõe repertórios ricos em reflexões que geram na criança condições para associar o imaginário ao real e buscar solucionar problemas do seu cotidiano, uma forma benéfica de desenvolvimento cognitivo.

A experiência é apreendida e compreendida, para poder ser reproduzida. O sujeito experimenta, internaliza e, a partir daquilo, busca fazer a reprodução do ato com os recursos que tem a sua disposição e as vivências que possui, ou seja, cria um retrato inexato modificado pelas necessidades que tem. Cabe também associar a vivência com a combinação feita pelo indivíduo com sua realidade. A imaginação adentra nesse aspecto como uma forma de criar um pensamento crítico sobre a experiência que presenciou, buscar explicações e criar reflexões sobre o assunto (VYGOTSKY, 2009).

Dessa forma, compreende-se a imaginação como um importante processo cognitivo para o intelecto infantil, sendo este responsável por atribuir significados a símbolos ainda desconhecidos pelo indivíduo, e ser responsável por criar associação entre os novos símbolos e a realidade (VYGOTSKY, 2009).

É possível compreender que o desenvolvimento de habilidades a partir da leitura podem ser adquiridas ao adentrar no intelecto por meio do repasse mediado e da imaginação, e ser, posteriormente, atribuído ao mundo real. As diferentes idades condizem com diferentes formas de compreensão, onde a história pode ser absorvida como meio lúdico de apreensão de valores, por crianças de idades diferentes e pode ser encarada como forma de justificar símbolos ainda desconhecidos pelos indivíduos em formação (BRITO, 2010).

Outro item valorizado pela utilização das atividades de leitura é a transmissão de valores e condutas éticas e morais. Muito além de controle de afetividade, aqui se encontram também situações relacionadas à quando e onde se deve demonstrar essa afetividade, apresentando assim a inteligência necessária para saber analisar determinado evento (SOUZA, 2008).

Dentro do mundo imaginário então, cabe transformações para a compreensão de local e espaço em que ocorram manifestações socioemocionais. Utiliza-se da criatividade para recriar as experiências em novas situações, compreender que aquela atividade pode ser utilizada em outras ocasiões e fazer as alterações necessárias para que se adeque à nova realidade. Ideias reproduzidas em outras culturas podem ser adaptadas para diferentes locais, auxiliando seus integrantes, caso ocorra dificuldades em inserir aquela atividade na nova situação, é necessário fazer adaptações para que ocorra o encaixe na realidade local, podendo até gerar uma nova atividade, completamente pertencente aquela condição (VYGOTSKY, 2009).

As narrativas infantis são compostas de elementos problemáticos que geram associação com condições existenciais do indivíduo. Analisar, compreender e superar conflitos internos faz parte do processo de desenvolvimento humano, onde estamos sempre buscando evoluir; dificuldades devem ser enfrentadas (BRITO, 2010).

O crescimento da nova geração sempre foi mediado pela anterior, sendo essa uma forma de entregar repasse da sociedade e as condutas adequadas a serem expressadas. Para diferentes idades, diferentes formas de ensinamentos são atribuídas, essa diversidade resulta em uma melhor compreensão dos indivíduos (CRISTÓFANO, 2015). Dentro dos ensinamentos, técnicas e ferramentas são

utilizadas para amparar a educação e atingir de melhores maneiras os participantes. As narrativas infantis possuem diferentes mecanismos que, quando mediados corretamente, podem gerar na criança a concepção necessária para o seu desenvolvimento cognitivo e social (SANTOS, 2019).

3.3 Fábulas Infantis e Contos Educacionais

Cada fase de desenvolvimento humano pede um trato diferente. Assim como é possível dar explicações de maneiras mais claras e objetivas a adultos ou levar um adolescente a compreender uma situação por meio de exemplos, alcançar a compreensão infantil pede que sejam manipulados figuras e objetos de sua realidade lúdica. Segundo Souza (2008), Piaget retratou que o uso da imaginação, do 'faz-de-conta' e da criatividade infantil são importantes pontos a serem considerados na observação do desenvolvimento do intelecto infantil, uma vez que estes estão ligados a construção de mundo que essa criança vem criando em seu interior para, posteriormente, externalizar.

É através do desenvolvimento de aspectos cognitivos, como memória, atenção, imaginação, criatividade e compreensão, que as crianças preenchem as lacunas de seu entendimento sobre o mundo e, baseado nessa compreensão, que poderão ascender nas etapas que estão por vir. Visando este aspecto, fez-se imprescindível que os centros educacionais pensassem em jogos e atividades que gerassem tais aspectos no intelecto infantil (SANTOS, 2019).

A utilização da literatura como ferramenta de ensino vem sendo muito apoiada dentro das escolas. De acordo com Fontes (2008, p. 74), "a literatura infantil oferece oportunidades para trabalhar valores sociais, culturais, ideias, sentimentos, auxiliando no estímulo ao cognitivo e à imaginação, além de promover possibilidades de autoconhecimento, favorecendo o aprendizado da criança".

Muito além da sala de aula, a utilização de narrativas gera reflexões sobre o mundo em que a criança vive. Partindo da concepção de que muitas crianças só têm acesso a tal material dentro das instituições de ensino, visto que uma parte advém de uma realidade sem estímulos educativos e com muita proximidade com condições de risco, as histórias podem ser utilizadas como um importante veículo de reflexão sobre os perigos que as cercam. Fábulas, contos e até canções podem transmitir as ameaças do mundo da criminalidade e drogas.

De acordo com Cristóvão (2015), a literatura, quando mediada corretamente, pode retirar as crianças do mundo da criminalidade ao aproximar-se do meio educacional. A utilização de histórias infantis gera um crescimento emocional que é necessário para que ocorra o autoconhecimento e a capacitação do que é certo e errado e suas consequências.

Colocar-se no lugar dos personagens das narrativas é buscar desenvolver a capacidade de resolver problemas. Um importante e apreciado aspecto cognitivo que pode ser alcançado a partir da literatura é compreender a situação e buscar soluções para a mesma, esse aspecto gera ao indivíduo uma importante habilidade que poderá ajudá-lo em suas futuras experiências. Segundo Fontes (2018 p.76) “As obras literárias para a criança podem ser vistas como forma de representar a realidade, pois é possível através dela explorar questões sociais consideradas complexas para a criança de maneira mais compreensível”.

De acordo com Santos (2019) os educadores também podem encontrar nas fábulas maneiras de sensibilizar a criança sobre as relações com os outros. Um importante comportamento a ser considerado é o autocontrole, que pode ser um catalisador para comportamentos assertivos dentro e fora de sala de aula. As relações interpessoais são responsáveis pela socialização do indivíduo, o desdobramento pleno dessa habilidade gera contato com diferentes experiências, vivências e realidade, acrescentando ao repertório do sujeito capacidades para lidar com diferentes situações.

A autonomia é uma condição para vencer os obstáculos, que pode ser atrelada ao surgimento de pensamento crítico e construção de valores próprios articulados e coerentes com a apropriação de valores universais, estimulá-la é conceder ao indivíduo capacidades de autoconhecimento e condições para compreensão da realidade em que vive (FONTES, 2018).

Grande parte das fábulas são voltadas para um bom relacionamento entre os personagens, apresentação de ações de sinceridade, confiança e amizade, e podem gerar a criança condições de mesclar suas dificuldades de socialização a situação da fábula e encontrar maneiras de solucioná-las na sociedade real em que atua. Martins (2013), aponta para resultados positivos após a inserção da literatura no processo educacional: compreender e vivenciar conflitos, argumentar sobre ideias e soluções, compreender os outros, viver as emoções dos personagens e desenvolver a empatia.

Dificuldades dentro do contexto educacional, enfatizando a importante ligação que deve existir entre professor-aluno, também podem ser sanadas com o exercício da leitura. Rodrigues (2009) enfatiza que o professor não precisa apenas se apresentar como ditador de ordens e normas, mas possuir um vínculo positivo com o aluno, dessa forma o estudante se sentirá mais aberto aos conhecimentos que estão sendo transmitidos.

O respeito deve prevalecer dentro de sala de aula, acatando a condição de educador, como figura de autoridade, e educando, mas para tal, a figura do professor não precisa ser associada como um dominador, uma vez que o receio pode gerar um bloqueio na capacidade de expressão da criança, gerando mais dificuldades no futuro.

3.4 Estudos e Pesquisas sobre o uso da Literatura associado ao Desenvolvimento Infantil

Tendo em vista que um dos grandes objetivos desta pesquisa é fazer a associação das fábulas com as habilidades sociais educativas, foram feitas pesquisas em plataformas virtuais para encontrar produções já concluídas sobre o tema, com o intuito de gerar base referencial a este texto e compreender as questões atuais que vêm sendo tratadas sobre o tema.

Foram utilizadas plataformas reconhecidas por armazenar pesquisas de relevância científica e confiabilidade, como Google Acadêmico, Scielo (Scientific Electronic Library Online), Portal de Periódicos da Capes e a Biblioteca Digital Brasileira de teses e Dissertações – BDTD.

Em um primeiro momento, vale ressaltar que a categoria ‘fábulas’, encontra-se dentro de categorias de literatura mais ampla, podendo encontrar importantes pesquisas sobre o conteúdo utilizando-se do descritivo ‘narrativas infantis’, e ‘literatura infantil’. Com o intuito de não perder dados sobre pesquisas já realizadas dentro de sala de aula, com crianças, tais palavras-chave foram acrescentadas ao conteúdo pesquisado.

Foram associadas às leituras infantis, também descritivos como ‘habilidades sociais educativas’ e ‘leitura em sala de aula’ para criar uma associação do tema ‘fábulas’, com as condições educativas que podem advir desta em salas de aulas infantis. A primeira pesquisa em tais bases de dados buscou as principais palavras-chave especificadas neste trabalho. A partir disso obteve-se o seguinte resultado:

Quadro 7 – Resultados encontrados nas bases de dados em busca pelas palavras-chave principais da pesquisa

Descritores	Google Acadêmico	SCIELO	CAPES	BDTD
Habilidades Sociais	244.000	583	6.767	2.439
Habilidades Sociais Educativas	108.000	52	1.148	447
Narrativas Infantis na Educação	38.000	6	175	191
Fábulas e Educação	28.300	0	66	87
Habilidades Sociais e Narrativas	140.000	11	716	5
TOTAL	558.300	652	8.867	3.169

Fonte: Dados de Pesquisa (Fevereiro/2020).

A busca resultou em 570.988 obras, entre livros, artigos e periódicos e demonstrou que muitas pesquisas sobre os temas em questão já foram realizadas, tendo assim arcabouço teórico para que fossem baseadas novas pesquisas e premissas. Foram encontradas obras publicadas em três línguas: português, espanhol e inglês, constatando que produções similares podem estar ocorrendo em outros países. Entretanto, os resultados mostraram-se muito amplos e pouco utilizáveis na pesquisa, como está demonstrado no Quadro 7. Tais descritivos acabaram mostrando-se inutilizáveis por apresentar pesquisas que não seriam utilizados na bibliografia, sendo necessário um afinamento para serem mais empregáveis.

As plataformas digitais apresentam a possibilidade de filtrar a pesquisa para encontrar resultados mais adequados, portanto, para o conteúdo de ‘fábulas’, ‘narrativas infantis’ e ‘literatura infantil’, foi utilizado o filtro referente ao período das produções, de 2005 a 2020.

Quadro 8 – Resultados encontrados nas bases de dados em busca pelas palavras-chave principais da pesquisa (com recorte temporal 2005 a 2020)

Descritores	Google acadêmico	SCIELO	CAPES	BDTD
Habilidades Sociais	45.400	348	2.866	1.053
Habilidades Sociais Educativas	15.500	41	467	168
Narrativas Infantis Na Educação	15.300	4	81	79
Fábulas e Educação	14.900	0	26	43
Habilidades Sociais E Narrativas	15.200	9	326	71
TOTAL	106.300	402	3.766	1.414

Fonte: Dados de Pesquisa (Fevereiro/2020).

O segundo resultado, que continha obras mais atuais e com premissas contemporâneas, gerou 111.882 produtos para referencial teórico, correspondente a cerca de 20% da pesquisa anterior. Apesar do afinamento das apurações, o resultado ainda se encontrou amplo e as plataformas que apresentavam os maiores números dividem esses resultados em mais de 100 páginas de pesquisa, todavia, quanto maior era o afastamento na primeira página de resultados, menos o conteúdo era exato. A partir da décima página de pesquisa, as produções não estavam mais de acordo com a definição almejada, em vez de decorrências do assunto, palavras soltas em obras de distintos temas eram maioria.

Tendo essa constatação, as buscas pelo conteúdo foram redirecionadas apenas as primeiras dez páginas resultantes da pesquisa nas plataformas, a partir de então, eram selecionados artigos e produções de acordo com a relevância do título para a pesquisa, dando prioridade aquelas que continham conteúdos sobre 'habilidades sociais' e 'educação'.

Os textos previamente selecionados tiveram seus títulos ponderados para averiguar se o conteúdo se encaixava no tema da pesquisa, ressaltando aqui que outras áreas de conhecimento, como enfermagem, educação física, medicina e antropologia, também apresentaram contribuições científicas sobre o assunto e, por não serem pertinentes a pesquisa, foram excluídas da seleção. Sendo assim, o seguinte quantitativo de artigos foi selecionado:

Quadro 9 – Artigos selecionados de acordo com o título associado a relevância do assunto

Descritores	Google acadêmico	SCIELO	CAPES	BDTD
Habilidades Sociais	5	3	4	4
Habilidades Sociais Educativas	2	5	3	2
Narrativas Infantis na Educação	4	4	3	3
Fábulas e Educação	2	0	2	0
Habilidades Sociais e Narrativas	3	2	0	3
TOTAL	16	14	11	12

Fonte: Dados de Pesquisa (Fevereiro/2020).

Um total de 53 produções foram selecionadas, elas serviram para que fossem adotadas as obras que seriam utilizadas no trabalho. A partir de tais, os resumos das obras foram lidos para averiguar se o conteúdo se encaixava a relevância do assunto e destes gerou-se o ‘Quadro 10’, apresentando os títulos escolhidos para compor a bibliografia da pesquisa, em qual plataforma cada um deles foi retirado, o ano de publicação e o (os) autor (es)

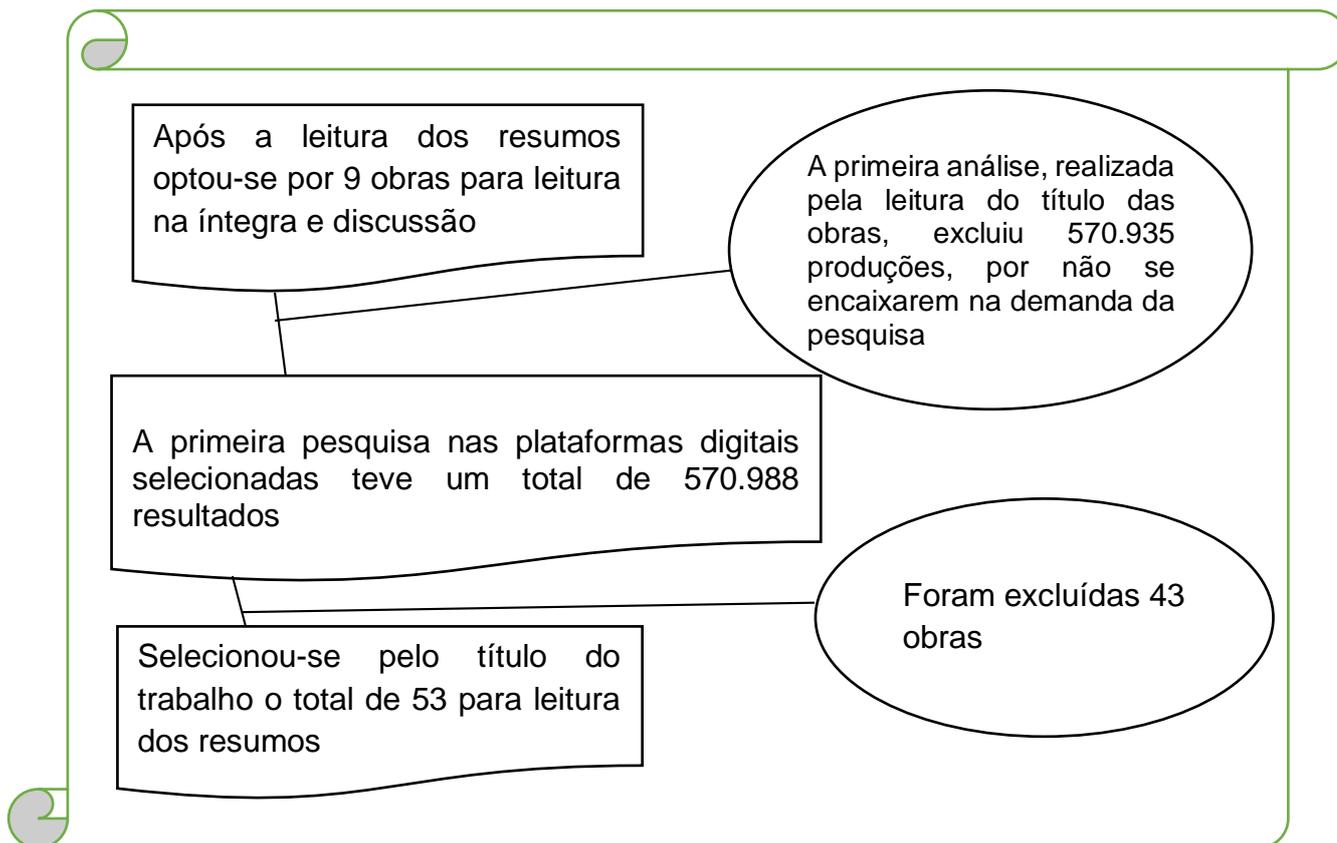
Quadro 10 – Obras escolhidas para compor as referências bibliográficas

Nº	PLATAFORMA	TÍTULO	AUTOR	ANO
1	Google acadêmico	A importância da leitura na formação social do indivíduo	BRITO, Danielle Santos	2010
2	CAPES	Biblioterapia e a Literatura Infantil: formando leitores contra a criminalidade e a exclusão	CRISTÓFANO, Sirlene	2015
3	Google acadêmico	A importância da utilização da literatura infantil para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança	FERREIRA, Fernanda; PRETTO, Valdir	2012
4	Google acadêmico	A literatura infantil e a formação do aluno por meio das fábulas	FONTES, Bruna Carla de	2018
5	Google acadêmico	Educação para os valores, desenvolvimento sociomoral e literatura infanto-juvenil	MARTINS, M.	2013
6	SCIELO	Desenvolvimento sociocognitivo e histórias infantis: subsídios para a prática docente	RODRIGUES, Marisa Cosenza; TAVARES, Aline Lima	2009
7	Google acadêmico	A contribuição dos contos de fadas e fábulas no processo de ensino aprendizagem na educação infantil	ROSA, Ildicéia de Andrade	2013
8	CAPES	A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies	TRAVAGLIA, Luiz Carlos	2007
9	BDTD	Literatura infantil como recurso para promoção de habilidades sociais na prática de professoras da educação infantil	SANTOS, Juliana Pinto dos	2019

Fonte: Dados de Pesquisa (Fevereiro/2020).

A ‘Figura 1’, detalha todos os passos descritos nesta seção para optar pelas obras que serviram de base para o referencial teórico da presente pesquisa.

Figura 1 – Fluxograma da sistematização de seleção das pesquisas



Fonte: Autora (2019), dados da pesquisa.

Na obra 'A importância da leitura na formação social do indivíduo', Brito (2010), faz um levantamento bibliográfico sobre como a literatura esteve presente para construir os pilares da sociedade e, conseqüentemente, formar cidadãos aptos ao exercício da cidadania. A contribuição da obra esteve na discussão sobre a importância da leitura como formadora de condição social para o ser humano, gerando a estes indivíduos com pensamentos críticos acerca de seu papel na comunidade. O texto também auxilia na compreensão de condições de leitura onde, por mais que novas tecnologias venham se manifestando, a leitura ainda deva ser apresentada e se tornar ferramenta essencial nos meios educacionais, sejam estes formais ou não formais.

O autor Cristóvão (2015), com a obra 'Biblioterapia e a Literatura Infantil: formando leitores contra a criminalidade e a exclusão' ainda enfatizou que a identidade também poderia ser formada através da literatura, podendo criar formas de desvencilhar crianças e adolescentes das situações de risco. Levando em conta o pensamento social, introduz na perspectiva de que a sociedade também receberia

contribuições do jovem leitor: a diminuição dos índices de criminalidade e de jovens envolvidos com drogas ilícitas iriam advir da concepção que, uma vez desenvolvido melhor a compreensão e os pensamentos críticos, o indivíduo teria mais capacidade de identificar e recusar situações de risco. O hábito pela leitura também proporciona maior presença em ambientes educacionais.

Ferreira e Pretto (2012), em 'A importância da utilização da literatura infantil para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança' retrataram como os valores inseridos nos contos podem influenciar o desenvolvimento das áreas emocionais, cognitivas e de solução de problemas de crianças. Outros valores que podem ser acrescentados com o hábito da leitura são os afetivos e emocionais. Os autores apontam para os meios em que a linguagem de narrativas infantis seriam melhor compreendidas pelas crianças e criaram símbolos para identificar suas próprias emoções. O desenvolvimento emocional viria a contribuir para a assimilação dos sentimentos que surgem com o tempo.

Retratando o papel docente, Rodrigues e Tavares (2009) ressaltam o professor como facilitador para o desenvolvimento dos processos cognitivos, utilizando a literatura como ferramenta para quebrar possíveis dificuldades de linguagem, gerar processos imaginativos e criativos e estimular representações da realidade para situações ocorridas nas histórias. Como toda ferramenta, a literatura deve ser manejada visando alcançar determinados objetivos. O estudo aqui colocado retrata a importância de o professor gerar um ambiente positivo para que o ato da leitura seja aceito pelos estudantes.

Um dos requisitos para a construção desta pesquisa foi a de conceituar as narrativas e caracterizá-las em seus diferentes gêneros. Travaglia (2017) foi o autor utilizado para melhor identificar as formas textuais. Em seu texto 'A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies' faz um levantamento das estruturas e objetivos pertencentes aos gêneros textuais para melhor classificar. Por meio dessa obra fora possível escolher o gênero que seria mais adequado para trabalhar com o público infantil no período estipulado para esta pesquisa.

Em 'A literatura infantil e a formação do aluno por meio das fábulas' de Fontes (2018), a autora retrata as fábulas como um importante instrumento que possibilita ao docente gerar reflexão em seus alunos. Estimulando a criatividade e a cognição, o uso de tais narrativas possibilita que comportamentos fossem acrescentados e

contribuíssem para a formação do caráter e também seria possível que o elo entre professor e aluno fosse fortalecido.

No texto 'Educação para os valores, desenvolvimento sociomoral e literatura infanto-juvenil' de Martins (2013), contribui com a informação de que educar a partir da literatura, gera o entendimento dos valores universais, repassados pelas fábulas a partir das narrativas históricas e de diferentes regiões. Outras contribuições ao receptor das mensagens ditadas em fábulas são as de ultrapassar as adversidades, possíveis complicações, dificuldades e rivalidades.

A obra 'A contribuição dos contos de fadas e fábulas no processo de ensino aprendizagem na educação infantil' foi o tema da especialização em educação: métodos e técnicas de ensino de Rosa (2013), e reafirma a boa recepção das crianças a utilização de livros e contos, a aceitação dos personagens e a ressignificação dos ambientes e situações. Com sua pesquisa na escola, utilizando os contos como ferramenta de ensino, ela relatou uma aprendizagem mais prazerosa e íntegra por parte dos alunos. A pesquisa cooperou com a percepção de que os atos descritos nas histórias servem de subsídio para que o jovem tenha conhecimento de condutas certas ou erradas, saiba diferenciá-las e corretamente aplicá-las.

Para finalizar, a obra de Santos (2019), 'Literatura infantil como recurso para promoção de habilidades sociais na prática de professoras da educação infantil' encaixou-se nos dois principais eixos temáticos da pesquisa e contribuiu com a compreensão das habilidades sociais, especialmente as educativas, que viriam a ser acrescentadas a partir do uso da literatura no meio educacional. Ainda que a pesquisa tivesse sido aplicada a docentes, resultados positivos de acréscimo de habilidades foram observados nos resultados de crianças, demonstrando um dos benefícios da técnica de leitura na escola. As habilidades sociais podem gerar condições positivas para diferentes aspectos do desenvolvimento humano, a utilização de técnicas que visem esse resultado, quando utilizadas como forma de educar, proporcionam ao indivíduo qualidade de vida e pleno desenvolvimento de suas capacidades.

Além da referência bibliográfica, buscou-se textos para conceituar e embasar a origem das fábulas e sua trajetória desde a Grécia antiga até a contemporaneidade, para tal, Terenzi e Scherer, em 2008, publicaram um artigo com fortes contribuições para a origem desse gênero narrativo, apoiando-se nos autores clássicos desse estilo e as mudanças ocorridas para que houvesse condições de uma visão mais atual. A obra 'Sobrevivência e Renovação: Esopo, Fedro e La Fontaine' reflete sobre o

surgimento das primeiras obras, a disseminação de forma oral, as fábulas como forma de crítica social e os autores mais reconhecidos. A pesquisa aqui descrita foi encontrada na plataforma *Scielo*, após pesquisas pelo descritivo ‘fábulas – origem’.

O resultado do mesmo descritivo é a obra de Pallotta (2008), que apresenta resultados para a origem das fábulas no Brasil, descrevendo o trajeto da origem do gênero, até a utilização dos autores clássicos para basear-se nas obras literárias nacionais. No texto ‘Reflexões sobre a prática da tradução para Monteiro Lobato: análise da obra *Fábulas*’, é reafirmada a influência das conhecidas obras de Esopo e La Fontaine em narrativas nacionais, muitas vezes misturadas a personagens e cenários brasileiros.

A obra de Souza (2008), ‘Julgamentos sobre ações e sentimentos em interpretações de histórias: uma abordagem piagetiana’ relata uma pesquisa de campo com crianças sobre o juízo de valores adquirido por meio da leitura de fábulas e a associação desta com os conceitos de valores, julgamento e desenvolvimento social de Piaget. Por meio dessa obra, são expostas as teorias do psicólogo sobre a formação da cognição infantil através das atividades lúdicas e como essas eram responsáveis pela apropriação de visão de mundo das crianças.

A análise das produções procuradas nas plataformas digitais compôs o arcabouço teórico desta pesquisa, contribuindo de maneira conceitual, empírica e prática para a discussão sobre a utilização de narrativas infantis, em especial do gênero fábulas. Verificou-se a partir destas que a literatura infantil, quando utilizada como ferramenta educativa, fornece condições para que o estudante desenvolva capacidades cognitivas, sociais, culturais e morais. Desenvolve linguagem, imaginação e pensamentos críticos, fazendo com que este saiba diferenciar as condutas que podem gerar benefícios ou riscos para a sua vida, e também acrescente ao seu repertório, habilidades e competências para as suas vivências.

3.5 Fábulas Infantis e Habilidades Sociais: uma contribuição à educação

De acordo com Fontes (2018), contar uma história, também resulta em sentimentos positivos do ouvinte para com o leitor, isso por ser uma atividade que gere prazer em quem escuta a narrativa e envolve-se na condição de se imaginar nas diferentes situações expostas. A literatura também pode apresentar condições que o indivíduo associe com o leitor, situações onde os personagens são guiados por um

mediador sábio para solucionar os conflitos, tal reflexão pode gerar confiança entre os envolvidos.

Trabalhar com o ato da leitura agrega diversos benefícios para a criança (BRITO, 2010). Não apenas o desenvolvimento do aspecto cognitivo como também comportamentos adequados para que esta seja incluída no ambiente e consiga receber seus benefícios. Os melhoramentos vão além dos muros das instituições, podendo agregar valores para a comunidade e família a qual a criança pertença e, também, gerar condições de fazer com que a criança possa identificar situações de conflito ou risco e saber a melhor maneira de lidar com elas (CRISTOFANO, 2015). As narrativas continuam sendo uma ferramenta de muito apreço entre educadores e público infantil, manejá-la adequadamente é possuir um instrumento completo e adequado para a educação.

Nesse sentido, ressalta-se a importância das fábulas serem inseridas no universo infantil como instrumento potencializador do desenvolvimento das habilidades sociais. Pesquisadores (RODRIGUES, 2009; SANTOS, 2019; FONTES, 2018; MARTINS, 2013; VYGOTSKY, 2009) apontam para a contribuição da leitura, e alguns de forma específica para as fábulas que podem ser utilizadas: como forma de sensibilização da criança para lidar com o outro de maneira assertiva; desenvolver o autocontrole; capacitar a criança para lidar com diferentes situações de sua realidade; desenvolver a autonomia no lidar com os obstáculos; desenvolvimento do pensamento crítico; construção de valores; autoconhecimento; compreensão da realidade vivenciada; resolução de conflitos; desenvolvimento da empatia; respeito ao professor e as colegas; criatividade para adaptação de novas realidades e espaços e criação de ligação entre professores e alunos.

Nota-se que várias das contribuições descritas pelos pesquisadores (RODRIGUES, 2009; SANTOS, 2019; FONTES, 2018; ROSIN-PINOLA, 2014; MARTINS, 2013; VYGOTSKY, 2009) se aproximam das habilidades sociais infantis descritas por Del Prette e Del Prette (2017c), sendo elas: Civilidade, empatia, autocontrole das emoções, assertividade, fazer e manter amizades, solução de problemas interpessoais, habilidades sociais acadêmicas.

Caminhando por esta vertente, nota-se a proximidade de comportamentos habilidosos que podem ser desenvolvidos mediante a leitura das fábulas. Estas, portanto, podem funcionar como instrumentos de aprendizagem das habilidades sociais. A união de ambas pode gerar uma aprendizagem muitas vezes desconhecida

pelos educadores no que diz respeito ao desenvolvimento social, cognitivo e emocional das crianças.

Destaca-se que as fábulas podem ser facilmente acessíveis. Existem vários outros materiais voltados para o ensino das habilidades sociais (como por exemplo o 'Baralhos das habilidades sociais' de Camila Luisi Rodrigues e Camila Tarif Folquitto (2017), o programa 'Socialize-se' de Andressa Henke Bellé e Elisabete Schuh (2017), o 'Promove crianças: treinamento de Habilidades Sociais' de Alessandra Pereira Falcão e Alessandra Turini Bolson-Silva (2016), o 'Brincando e aprendendo habilidades sociais' de Silva, Del Prette e Del Prette (2005), entretanto, nem toda instituição, em especial as públicas conseguem adquiri-los. Nesse sentido, livros que narram fábulas poderiam ser facilmente encontrados por educadores para promoverem as habilidades sociais.

Segundo Brito (2010) é essencial que se compreenda o objetivo do texto, tendo em vista que trará sentido a história, gerando reflexões que serão essenciais no desenvolvimento cognitivo. Diante deste contexto, o educador precisará estimular a interpretação do que foi lido, sendo essencial portanto, um mediador nesse processo. De acordo com Rodrigues (2009) é essencial que exista uma ligação entre quem faz a leitura cuidador possua habilidades que possibilitem a criação de vínculos positivos com a criança.

4- MÉTODO

A prática da metodologia da pesquisa descritiva aponta para o uso de entrevistas, questionários, observações e outras técnicas para a obtenção da coleta de dados, busca detalhar características, condições da população, situação, evento ou fenômeno em estudo, assumindo a forma de 'levantamento' (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

4.1 Participantes

Participaram da pesquisa dez (10) crianças, sendo 6 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, na faixa etária de 9 a 11 anos de idade, que cursavam do 4º ao 6º ano do ensino fundamental em escolas públicas e particulares de uma cidade no Oeste do estado do Pará. Foram incluídas na pesquisa as respectivas responsáveis que atestaram acompanhar o desenvolvimento escolar das crianças durante o período de pandemia, sendo em sua totalidade mães e totalizando em 20 participantes.

A escolha da faixa etária se deu após os integrantes do LEHS avaliarem os textos que seriam introduzidos ao campo e entrarem em consenso de que a maioria dos textos seriam mais bem trabalhados entre crianças de 9 a 11 anos de idade. Tal recorte cabe no instrumento de coleta de dados – SSRS-BR - que, em sua descrição se denomina como instrumento de avaliação para crianças de 7 a 13 anos.

Foram incluídas as crianças que se enquadravam no item de idade, estivessem cursando o período letivo na modalidade on-line, sob a supervisão de responsáveis, sendo estes incluídos na pesquisa também. Foram excluídos dos dados da pesquisa participantes e seus respectivos pais que não apresentaram disponibilidade para dar continuidade às etapas da pesquisa.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa, de acordo com parecer de número 5.205.354, para a realização da aplicação dos questionários e das fábulas foram obedecidas as normas para a realização de pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução nº 666/2021 do Conselho Nacional de Saúde, que incorpora respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa assegurar os direitos e deveres dos participantes da pesquisa.

Sendo assim, as informações foram codificadas para garantir o anonimato dos participantes, e a estes foi solicitado aceitação da participação através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – APÊNDICE A), que de acordo com a legislação, definida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, que determina que os responsáveis legais devem deter a autoridade para aprovar ou não a participação de crianças em testes ou avaliações, visando sempre a manutenção do bem estar da mesma.

A seguinte tabela demonstra os dados dos participantes da pesquisa.

Quadro 11 – Dados dos participantes

	Variáveis	Nível	Frequência
CRIANÇAS	Gênero	Feminino	6
		Masculino	4
	Tipo de escola	Particular	6
		Pública	4
	Ano escolar	4º ano	2
		5º ano	5
		6º ano	3
	Idade	9 anos	4
		10 anos	5
		11 anos	1
RESPONSÁVEIS	Grau de parentesco	Materno	10 (100%)
	Escolaridade	Ensino Superior	5
		Ensino Médio/Técnico	3
		Ensino Fundamental	2
Idade	Média das variáveis	$M_e \cong 36,777$	

Fonte: A autora (2021).

4.2 Local

A aplicação do inventário, SSRS/crianças e SSRS/pais, foi realizada somente com a presença de cada criança participante, a responsável e a pesquisadora, em locais combinados previamente, sendo estes a residência dos participantes. Instruiu-se que no momento da aplicação o espaço estivesse confortável, ou seja, com iluminação e ventilação adequadas, sem a presença de ruídos altos, seguindo assim as orientações de aplicação do instrumento.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa, de acordo com parecer de número 5.205.354, e seguiu a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde quanto às questões éticas sendo as informações codificadas para garantir o anonimato dos participantes, e a estes foi solicitado aceitação da participação através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4.3 Instrumentos

4.3.1 Fábulas

As fábulas foram então utilizadas como instrumento para se trabalhar com a criança as habilidades sociais. Seja em casa pelos pais, nessa época de pandemia ou escola pelos professores, a tríade: habilidade sociais, problemas de comportamento e desempenho acadêmico, são constructos que se interligam e que normalmente se discutem suas relações quando se trabalha com qualquer um deles.

Neste estudo foram trabalhados dois destes construtos que encontram-se no inventário, e que foram possíveis de serem trabalhados em época de isolamento social. São eles: habilidades sociais e problemas de comportamento, sendo as HS investigadas na percepção da autoavaliação da criança e da avaliação da perspectiva dos pais e os problemas de comportamento na visão dos pais.

Para esta pesquisa foram escolhidas as fábulas de Monteiro Lobato por estarem dispostas ao acesso da comunidade e também estarem cotadas a serem transmitidas e utilizadas em escolas e centros educacionais da rede pública de educação.

Para que tais narrativas fossem incorporadas ao presente estudo se fez necessária uma avaliação que constatasse características de HS inseridas nas

fábulas. Por tal, integrantes do Laboratório de Educação e Habilidades Sociais - LEHS - avaliaram as narrativas de Monteiro Lobato para averiguar a presença de subcategorias de HS infantis, que caracterizassem as fábulas com ferramentas de instrução de HS para crianças.

Para tanto, realizou-se uma análise de juízes, sendo portanto, distribuído aos integrantes do LEHS uma avaliação de cada uma das fábulas, em formato de texto digital, para que os mesmos analisassem, de forma individual cada fábula, identificassem a qual habilidade social infantil cada uma se encaixava, se a linguagem utilizada era adequada a crianças, a qual idades estas poderiam ser trabalhadas, e apresentassem importantes pontos a partir da leitura e análise (APÊNDICE B).

4.3.2 Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competências Acadêmicas para Crianças (SSRS-BR)

/

O Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais – SSRS-BR - é uma obra de Gresham e Elliott, validado em 1990, nos Estados Unidos, e utilizado em diversos países, como Irã, Portugal, Noruega, Holanda e Porto Rico, onde constatou-se que tal instrumento possui propriedades psicométricas de validade e fidedignidade requeridas a uma medida psicológica para a avaliação de crianças e HS (GRESHAM; ELLIOTT, 1990).

Foi adaptado em 2013 para o Brasil pelos autores Del Prette e Del Prette, levando em consideração as modificações do meio e das habilidades e competências esperadas do público alvo (BANDEIRA, 2009). O instrumento é composto por três questionários para diferentes públicos: estudantes, pais e professores, que podem ser aplicados de forma independente de acordo com as necessidades da pesquisa (GRESHAM; ELLIOTT, 1990).

Para habilidades sociais, encontrou-se uma estrutura de quatro fatores na escala de autoavaliação dos estudantes (empatia/afetividade, responsabilidade, autocontrole/civilidade e assertividade) e na escala preenchida pelos pais (responsabilidade, autocontrole, afetividade/cooperação, desenvoltura social e civilidade), assim como uma estrutura de três fatores na escala preenchida pelos professores (cooperação, asserção e autocontrole). Para a avaliação dos comportamentos problemáticos, obteve-se uma estrutura de três fatores na escala dos pais e dos professores (internalizantes, externalizantes e hiperatividade). A escala de competência acadêmica possui uma estrutura unifatorial (BANDEIRA, 2009, p.04).

Autores como Del Prette e Del Prette (2019) e Bandeira (2009) concordam que, de forma isolada, os informantes da pesquisa não tem acesso com fidelidade aos indicadores de habilidades da criança, e para que se sejam mais fiéis aos resultados, faz-se necessário que sejam aplicados a diferentes informantes, além da autoavaliação da própria criança, como pais, professores e colegas.

Contanto que haja a supervisão e instrução do aplicador, o teste pode ser manuseado para os três públicos citados ou apenas os selecionados para a pesquisa, por possuir avaliação e análise independentes (CASALI-ROBALINHO; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2015). Para esta pesquisa foram selecionados para o levantamento dos dados do campo apenas o SSRS-BR/criança e o SSRS-BR/pais. De acordo com Bandeira (2009, p.281) os questionários ‘demonstraram possuir propriedade psicométrica satisfatória de validade de critério, uma vez que foram capazes de diferenciar grupos distintos nos construtos medidos pelos instrumentos’.

O SSRS-BR se adequa a ferramenta dessa pesquisa por conceber possibilidades de calcular modificações nos indicadores de HS e competências infantis, e ainda registrar os escores de demais informantes do comportamento da criança para uma melhor apuração dos dados.

O instrumento para as crianças é composto por uma escala de autoavaliação de HS de 20 perguntas, cujas respostas indicam a frequência do comportamento indicado (Nunca=0, Algumas Vezes=1 e Muito Frequente=2). Tais itens, segundo a ficha de avaliação, estão subdivididos de maneira aleatória em 4 fatores que avaliam: F1 – Empatia/Afetividade; F2 - Responsabilidade; F3 – Autocontrole/Civilidade; F4 – Assertividade; foi informado para a criança a maneira adequada de preencher a ficha e o pesquisador lhe acompanha durante todo o processo de preenchimento para retirar eventuais dúvidas sobre termos, palavras ou até comportamentos questionados (GRESHAM; ELLIOTT, 1990).

Para os pais, o inventário examina não apenas a frequência dos comportamentos habilidosos da criança (Nunca=0, Algumas Vezes=1, Muito Frequente=2), mas, também uma avaliação da importância que o responsável propiciava a cada comportamento questionado para o desenvolvimento da criança (não importante=0, Importante=1, Indispensável=2). O inventário para os pais é composto de 23 questões de habilidades sociais, com os seguintes itens fatoriais: F1- Responsabilidade; F2- Autocontrole; F3- Afetividade/cooperação; F4- Desenvoltura Social; F5- Civilidade; e também 15 questões de problemas comportamentais, sendo

esses os fatores: F1- Problemas comportamentais externalizantes e F2 – Problemas Comportamentais Internalizantes; compondo assim um total de 38 questões (GRESHAM; ELLIOTT, 1990).

De acordo com Gresham e Elliott (1990) no manual de aplicação do instrumento SSRS-BR cada resposta dos participantes tem um valor quantitativo, que deve ser calculado e aplicado na tabela disponibilizada pelo próprio instrumento para caracterizar a amostra em cada categoria. Os escores são classificados como: baixo (percentil ≤ 25), médio (percentil > 25 e < 75) e superior (percentil ≥ 75).

4.4 Procedimento de Coletas de Dados

Apresentação da pesquisa e TCLE – Os participantes foram contatados por indicação de membros do LEHS que se encaixassem nos critérios de inclusão e quisessem participar da pesquisa. O primeiro contato com os participantes foi realizado para apresentar a pesquisa, suas fundamentações, os problemas e objetivos e constatar se tanto criança como responsável se enquadram nos critérios de inclusão. Dessa forma foi marcada uma reunião, com os responsáveis legais e as crianças, visando explicar o tema da pesquisa e tirar eventuais dúvidas que pudessem surgir.

Durante esse primeiro momento, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - APÊNDICE A) foi lido, na presença dos participantes, e requerido a concordância através da assinatura do documento. Foram garantidos sigilo de identificação e dados pessoais que pudessem vir a ser obtidos.

Foi então organizado um cronograma de atividades, incluindo uma reunião para aplicação do inventário SSRS/criança, data e horário durante o período de uma semana que seriam enviados os links contendo as fábulas e também um último encontro onde seria aplicado o SSRS/pais e retirada eventuais dúvidas sobre.

Nesse encontro também foram dadas orientações sobre como responder o questionário, possíveis dúvidas, desconfortos, reflexões e questionamentos que poderiam surgir, adequações aos espaços onde seriam respondidos os questionários, informações para o período de execução dos vídeos integrando as fábulas por esse não trazer a presença da pesquisadora, e garantia de que os dados obtidos após os questionários seriam devolvidos às famílias, individualmente e de maneira sigilosa, para que fossem utilizados para o melhor desenvolvimento das crianças.

Aplicação do SSRS/Criança e primeira fábula - Em todos os primeiros contatos foi permitido, após a concordância do TCLE, que as crianças presentes já pudessem responder o inventário SSRS/crianças, e também fora executado o primeiro vídeo das fábulas. O momento foi propício para mostrar aos pais a plataforma de vídeos e a melhor forma de acompanhar as crianças no momento em que estivessem assistindo a fábula.

Ao final da aplicação do inventário foi verificado se todas as questões haviam sido respondidas e se a criança não teve dúvida em algum tempo ou questionamento.

Semana de aplicação das fábulas – o cronograma de aplicação das fábulas se sucedeu ao primeiro encontro. Os links foram enviados aos pais em horários previamente estabelecidos, buscando o momento em que crianças e responsáveis estivessem disponíveis, descansados e livres de atividades.

Cada fábula foi enviada através do link de acesso em um dia, acompanhada de informações sobre as habilidades que seriam trabalhadas na história. Ocorreram dias em que pais ou crianças não estavam disponíveis para assistir a fábula ou responder as questões, dessa forma, a próxima fábula só foi enviada quando a atividade anterior foi finalizada. Tal processo gerou atrasos de 1 a 3 dias no cronograma de alguns participantes, mas sem inferir diretamente nos resultados.

Aplicação do SSRS/pais e dúvidas que poderiam aparecer sobre a pesquisa – o último encontro foi igualmente marcado previamente com os participantes e ocorreram nos mesmos locais onde aconteceram os demais encontros, na residência destes. Enfatiza-se que, pela etapa de campo ocorrer em período de pandemia, a pesquisadora fez uso de materiais de higiene e proteção contra a disseminação da Covid-19 em todos os encontros nas residências, buscando garantir a segurança dos envolvidos. Tal condição fora assegurada com antecedência.

Em um primeiro momento foram retiradas as dúvidas sobre a etapa de aplicação das fábulas, as crianças presentes foram convidadas a explanar verbalmente sua experiência e contribuições da atividade anterior, enquanto os pais confirmavam seu parecer já enviado.

Alguns pais relataram ter percebido dificuldades em seus filhos, como problemas de interpretação da história ou não reconhecimento ou distinção de sentimentos básicos retratados em algumas das fábulas. Aponta-se que tais relatos podem dar margem para pesquisas posteriores sobre o tema e ainda poderão aparecer como exponenciais resultados da análise do inventário dos pais.

Foi entregue aos pais o inventário SSRS/pais, contendo as 38 questões já propostas, novamente a pesquisadora se fez presente para apresentar o instrumento e elucidar quaisquer dúvidas durante o processo de resolução. Apesar de estar presente, fora conferida as condições auditivas e visuais para que os participantes dessa etapa respondessem o questionário com suas próprias concepções e reflexões, podendo estes consultar a pesquisadora em casos de dúvidas.

Ao final da aplicação do inventário foi dado um espaço para que os pais pudessem discutir sobre os temas abordados ou fazerem possíveis ligações às fábulas, uma vez que parte dos questionamentos poderiam ser observados durante o período que pais e filhos compartilharam para a resolução da atividade anterior.

A pesquisadora finalizou o encontro reforçando pontos importantes do TCLE, tal como sigilo e devolução dos dados obtidos através da análise. Foram reforçados números e e-mails para manter contato ou para o caso de questionamentos que pudessem vir a surgir, buscando respeitar a individualidade e busca de informações dos participantes, além de manter o campo aberto para pesquisas variantes que possam vir a acontecer.

4.5 Procedimento para Tratamento de Dados

O inventário utilizado nessa pesquisa, SSRS/BR, pode ter seus dados analisados manualmente, segundo Gresham e Elliott (1990), o SSRS/BR produz escores gerais e fatoriais, ou seja, subdivididos para as crianças nos itens fatoriais de comportamento e, para pais, além dos itens fatoriais de comportamento, os divide entre habilidades sociais e problemas de comportamento. A apuração manual é descrita no manual técnico da seguinte forma de acordo com a amostra brasileira:

- a) *Preencher a folha de apuração*: Transportar os escores de cada participante para a folha de apuração de dados disponibilizada pelo inventário, nela os escores serão agrupados de acordo com os fatores de habilidades sociais.
- b) *Contabilização dos pontos*: Cada frequência do comportamento selecionada apresenta um valor: Nunca=0, Algumas Vezes=1 e Muito Frequente=2, tais valores devem ser contabilizados e somados de acordo com a ordem fatorial a que pertencem.

- c) *Escores Gerais*: Após contabilizar os escores por fatores, ainda é necessária a somatória de todos para ter um resultado geral das HS.
- d) *Identificação do percentil*: O manual dispõe de tabelas que atribuem ao valor contabilizado em cada fator há uma atribuição no percentil, dessa forma os escores podem ser contabilizados como: baixo (percentil ≤ 25), médio (percentil > 25 e < 75) e superior (percentil ≥ 75).

Existem distintas tabelas para diferentes gêneros (masculino e feminino), entretanto, a identificação do percentil é a mesma para ambos os sexos, por conta disso, as crianças puderam ser avaliadas juntas nos resultados. As avaliações dos responsáveis também variam de acordo com o gênero da criança, e da mesma forma, o cálculo do percentil é o mesmo.

Neste sentido, os dados foram agrupados conforme a média alcançada em cada fatorial, distribuído em variações de classificação dos repertórios. O inventário é interpretado conforme a classificação do percentil alcançado, sendo considerado da seguinte forma:

- *Baixo* (0<25) - o repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais, e indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naquelas escalas e itens mais críticos para o ajustamento social e acadêmico.

- *Médio Inferior* (26<35) o repertório de habilidades sociais com resultados abaixo da média em grande parte dos itens, ou seja, indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naquelas escalas e itens mais críticos para o ajustamento social e acadêmico;

- *Médio regular* (36<65), é um bom repertório de habilidades sociais, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nesses itens e subescalas em que aparecem;

- *Médio elaborado* (66<75) o repertório mediano elaborado de habilidades sociais, com resultados acima da média para a maior parte dos itens e subescalas em que aparecem. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios;

- *Alto* (76<100) o repertório altamente elaborado de habilidades sociais, com resultados acima da média para praticamente todos os itens e subescalas em que aparecem. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatório nesses itens.

Os escores de problemas de comportamento podem ser contabilizados da mesma forma, sendo esses identificados por uma tabela a parte que aponta os percentis baixo (percentil ≤ 25), médio (percentil > 25 e < 75) e superior (percentil ≥ 75).

Após identificar nas tabelas dispostas no manual os percentis gerais de cada item fatorial, se torna possível interpretá-los de acordo com as escalas de habilidades sociais, problemas de comportamento e competências acadêmicas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção são apresentados os resultados do presente estudo, abarcando o processo de seleção das fábulas por proximidade com o conteúdo das Habilidades Sociais pelos membros do grupo de pesquisa: Laboratório de Educação e Habilidades Sociais - LEHS, o resultado do inventário de Habilidades Sociais para crianças, bem como sua reaplicação e por fim os resultados do inventário de Habilidades Sociais e problemas de comportamentos avaliados pelos pais em relação aos seus filhos.

5.1 Relações entre as Fábulas e Habilidades Sociais

A seleção das fábulas que foram utilizadas no trabalho de campo provém de uma análise de juízes com os integrantes do Laboratório de Educação e Habilidades Sociais. A partir da análise dos participantes do LEHS, foram selecionadas as fábulas:

1- *O gato vaidoso*, que trabalhava a assertividade ao apresentar características como expressar sentimentos negativos (raiva e desagrado), falar sobre as próprias qualidades ou defeitos, concordar ou discordar de opiniões;

2- *O ratinho o gato e o galo*, que apresentava subclasses de civilidade, como fazer cumprimentos, seguir regras ou instruções, fazer perguntas;

3- *Os dois burrinhos* representam a classe de habilidade denominada empatia, por contar na narrativa respeito às diferenças, expressar compreensão pelo sentimento ou experiência ao outro, oferecer ajuda/ compartilhar.

4- *A assembleia dos ratos* que concebe a solução de problemas interpessoais por tratar de temas como reconhecer e nomear diferentes tipos de problemas, identificar e avaliar possíveis alternativas de solução, escolher, implementar e avaliar uma alternativa;

5- *O sabiá e o urubu* trata sobre controle das emoções ao conceber um personagem com expressar as emoções positivas e negativas, reconhecer e nomear as emoções próprias e dos outros;

6- *O rato do campo e da cidade* faz associação com a HS de fazer e manter amizades, por mostrar uso de perguntas pessoais; responder perguntas, aproveitar as informações livres oferecidas pelo interlocutor; sugerir atividade, oferecer ajuda, cooperar, identificar e usar jargões apropriados;

7- *O reformador do mundo* apresenta características das HS acadêmicas como fazer e responder perguntas, buscar aprovação por desempenho realizado, reconhecer a qualidade do desempenho do outro, atender pedidos, cooperar e participar de discussões.

Para melhor compreensão das fábulas e das habilidades correspondentes, segue o quadro:

Quadro 12 – Relação entre fábulas e HS

Fábula	Valores desenvolvidos	Correspondente de Habilidade Social
<i>O Gato Vaidoso</i>	Usar o diálogo para resolver conflitos	Assertividade
<i>O Ratinho o Gato e o Galo</i>	Evitar criar julgamento sobre terceiros a partir das aparências	Civilidade
<i>Os Dois Burrinhos</i>	Evitar dar valor a terceiros de acordo com seus bens materiais / Colocar-se no lugar do outro	Empatia
<i>O Sabiá e o Urubu</i>	Identificar os benefícios e malefícios das próprias emoções para melhor controle das reações individuais	HS de Controle das Emoções
<i>O Rato do Campo e da Cidade</i>	Reconhecer que a realidade de cada um tem seus prós e contras... nem tudo é ruim e nem tudo é bom.	HS de Fazer e Manter Amizades
<i>O Reformador do Mundo</i>	Compreender a precisão da ordem natural	HS Acadêmicas
<i>A Assembleia dos Ratos</i>	Buscar soluções para os problemas que caibam na realidade dos envolvidos	A Solução de Problemas Interpessoais

Fonte: A autora (2021).

Compreendeu-se dessa forma que as fábulas detinham no decorrer da narrativa subclasses de habilidades sociais que poderiam servir de instrução para as crianças, atingindo a forma lúdica de se pensar em seus atos e comportamentos. Atestou-se assim uma correlação entre as fábulas e as habilidades sociais, mostrando que essas poderiam ser utilizadas como instrumentos de instrução para a inserção ou treino em HS.

É necessário observar que essas fábulas são, em sua maioria, adaptações das fábulas originais de Esopo, La Fontaine e Fedro, e houveram adaptações na linguagem, personagens e cenários para que coubessem e fossem melhor compreendidas no contexto atual, ainda que evitassem ao máximo a modificação moral da história.

Com suas correspondentes classes de habilidades sociais, tais fábulas foram trabalhadas em campo, entre os participantes da pesquisa, para melhor aproveitamento da reflexão e da moral da história, esperando-se que assim o acréscimo de habilidades sociais desejáveis no repertório individual dos participantes.

A partir da classificação de habilidades sociais foram selecionadas sete das fábulas de Monteiro Lobato, cuja a história se encaixava nas classes de habilidades sociais infantis. O link correspondente a cada fábula acima citada foi enviada aos pais, através de um aplicativo de mensagens durante uma semana, ou seja, uma fábula por dia, com o intuito de que fossem trabalhadas com as crianças nesse período.

A fábula proporcionou um momento de interação entre pais e filhos, onde a narrativa pode ser usada de maneira educativa para gerar reflexões sobre práticas e comportamentos sociais, ou até as possíveis consequências de déficits de comportamento. Mas além, o momento da leitura da fábula gerou a possibilidade de as mães, participantes da pesquisa, terem um instrumento para obter tempo de qualidade educativo com seus filhos e através desse tempo ter condições de observar comportamentos para, posteriormente preencher o questionário que avaliava as habilidades sociais de seus filhos a partir da perspectiva dos pais.

5.2 Inventário de Habilidades Sociais: escala para crianças (SSRS/crianças)

Os principais resultados em relação às habilidades sociais das crianças estão apresentados na 'tabela 1', mostrando o escore pelo qual os participantes foram avaliados, sendo classificados em escores *Geral e Fatorial*. Os fatores correspondem

a F1: Empatia/Afetividade, (Fatorial) F2 Responsabilidade, (Fatorial) F3 Autocontrole e Civilidade, (Fatorial) F4 Assertividade, de acordo com a divisão de classes das habilidades sociais infantis.

Tabela 1 – Tabulação dos dados obtidos através da aplicação do SSRS/crianças

HS	Momento da Pesquisa	Média	Repertório Por nº de participante				
			Baixo 0<25	Médio Inferior 26<35	Médio Regular 36<65	Médio Elaborado 66<75	Alto 76<100
Geral	Antes das Fábulas	<u>22,5</u>	6	2	2	-	-
	Após as Fábulas	<u>39,2</u>	3	2	5	-	-
F1 Empatia/ Afetividade	Antes das Fábulas	<u>26</u>	5	2	3	-	-
	Após as Fábulas	<u>41,4</u>	3	1	6	-	-
F2 Responsabilidade	Antes das Fábulas	<u>32</u>	7	-	1	1	1
	Após as Fábulas	<u>41,6</u>	3	2	2	2	1
F3 Autocontrole /Civilidade	Antes das Fábulas	<u>48</u>	2	1	3	4	-
	Após as Fábulas	<u>58,3</u>	-	1	4	3	2
F4 Assertividade	Antes das Fábulas	<u>41</u>	3	2	3	1	1
	Após as Fábulas	<u>52</u>	3	-	3	1	3

Fonte: A autora (2021).

A 'Tabela 1' apresenta duas médias em cada fator: a média alcançada mediante a aplicação do inventário de habilidades sociais antes da apresentação das narrativas infantis e os resultados obtidos após uma semana de apresentação das narrativas.

Ainda apresentam-se no 'quadro 3' o quantitativo do repertório de quantos participantes se enquadram em cada classificação, sendo agrupado de acordo com o percentil alcançado por cada um.

Cada escore fatorial está relacionado a uma HS, sendo que as HS estão associadas a um desenvolvimento socioemocional ao indivíduo em sua totalidade. Resultados negativos estão relacionados a um baixo conceito, baixa autoestima e pensamentos disfuncionais, que indicam déficits no comportamento internalizante e externalizante e dificuldades de apreensão de HS futuramente necessárias (GRESHAM; ELLIOTT, 1990).

Escore Geral - na primeira aplicação, as crianças apresentaram média percentil de 22,50, valor considerado *baixo* para habilidades sociais. Após a semana de trabalho com as narrativas às crianças, o escore percentil chegou a 39,20, indicando que o relato de habilidades sociais foi *média regular*.

Na diferenciação de escores antes e depois, apenas três dos seis participantes mantiveram o resultado de autoavaliação *baixa*; a quantidade de participantes que se avaliaram com HS *médio inferior* permaneceu em dois e a quantidade de participantes que se autoavaliaram com HS *médio regular* passou de dois para cinco.

Escore fatorial 1: Empatia e Afetividade - foi observada média de 26 na avaliação, apontando classificação *médio inferior* de habilidades sociais, o que indica déficit em demonstrar ou dizer aos amigos que gosta deles, demonstrar que gosta de elogios e cumprimentos de amigos, dizer coisas boas para os outros quando fazem alguma coisa bem feita e tentar entender como os amigos se sentem quando zangados, aborrecidos ou tristes.

Na reaplicação do inventário, o item de empatia e afetividade apresentou média de 41,40. Dois participantes saíram do repertório baixo e outros dois alcançaram os repertórios médio e médio superior, três se classificaram com repertório baixo, um com repertório baixo inferior e seis com o repertório médio regular.

Escore fatorial 2: Responsabilidade do SSRS/crianças – Na primeira aplicação as crianças classificaram suas médias no repertório *médio inferior*, com o escore médio de 32, que indica não apenas necessidade de treinamento, mas também aponta necessidade de atenção ao nível de responsabilidade no contexto escolar, por

inclui itens como *'deixar a carteira limpa e arrumada'*, *'fazer as tarefas de casa no tempo estabelecido'*, *'prestar atenção no professor quando ele está ensinando uma lição'* e *'terminar as atividades em classe no tempo estabelecido'*.

Após a aplicação das narrativas, a média da avaliação dos participantes chegou a 41,6, atingindo o *repertório médio regular*. Três participantes permaneceram com repertório *baixo*, dois atingiram repertório *médio inferior*, dois com repertório *médio regular* e dois com repertório *médio elaborado*. Um participante manteve repertório *alto*.

Escore Fatorial 3: Autocontrole/Civilidade – Neste item, agrupam-se duas HS: autocontrole e civilidade. A média percentil dos participantes foi 48, enquadrando-se no repertório *médio regular*. Na segunda aplicação, os participantes apresentaram média percentil de 58,30. Não houve classificação no repertório *baixo*, um participante se classificou no repertório *baixo inferior*, quatro no repertório *médio regular*, três no repertório *médio elaborado* e dois alcançaram o repertório *alto*.

Escore Fatorial 4: Assertividade - Os participantes obtiveram média percentil de 41, enquadrando-se no repertório *médio regular*. Na reaplicação do inventário, esse fator chegou a média percentil de 52. três participantes atingiram repertório *alto*, os repertórios *baixo* e *médio regular* permaneceram com três cada um e o repertório *médio superior* continuou com um classificado.

Após a experiência com as fábulas e a reaplicação do inventário de habilidades sociais é possível afirmar que a percepção das habilidades sociais que as crianças têm de si mesmas foi alterada, indicando que tal percepção pode ser beneficiada. Entretanto, algumas perguntas surgiram a partir dos resultados do presente trabalho, sendo elas: As crianças de fato marcaram a habilidade social no inventário de acordo com sua autopercepção ou aprenderam como deveriam responder o inventário, marcando o que o meio social espera?

Tal questionamento pode ser explicado por Souza e Soares (2018), ao apontar as dificuldades infantis para realizar a autoavaliação e a necessidade da criança de se apresentar de determinada maneira, seja para uma demanda parental, seja para assumir um papel.

A condição exposta ameaça a fidelidade dos testes. Bandeira (2009) alerta para a necessidade de que se verifiquem as qualidades psicométricas dos inventários de HS para crianças; para a autora, “a fidedignidade do SSRS-BR para a amostra

brasileira se mostrou adequada, tanto no que se refere à consistência interna, quanto à sua estabilidade temporal” (BANDEIRA, 2009, p.280).

Outra pergunta foi: O intervalo entre as avaliações foi suficiente para verificar a autopercepção das crianças em relação a suas habilidades sociais? Um tempo maior não seria melhor para a aprendizagem dos comportamentos tratados? Apesar de as fábulas não se enquadrarem em um programa de treinamento, funcionando como recurso de promoção de autoavaliação das habilidades sociais, os estudos que envolvem intervenções em habilidades sociais, apresentam média de intervenção de 8 a 10 sessões, sendo um encontro por semana.

Ainda outra pergunta foi: um tempo maior traria maior precisão e com fontes de comparação a autopercepção de crianças sobre suas habilidades sociais? Os estudos referidos foram realizados dentro de um programa de treinamento e com os pesquisadores presentes, diferentemente deste que utiliza um recurso único - as narrativas infantis. Prevalece a necessidade de maiores investigações, com tempo maior de utilização das fábulas e a presença do pesquisador na aplicação.

Questionou-se também: O fato de as crianças que terem contato com esse gênero pode ser um fator preditivo para que se autoavaliassem melhor? Os resultados apontaram que seis crianças não tiveram contato com as fábulas, apresentando média de ganho de 16,66, enquanto as quatro crianças que já conheciam as fábulas, apresentaram uma média de ganho na autoavaliação das habilidades sociais de 16,75. Nota-se diferença pequena em relação ao ganho na percepção das habilidades sociais das crianças que já tinham contato com o gênero. Tal diferença pode estar relacionada não com o recurso em si, mas com o processo em que foram utilizadas. Talvez a pouca diferença nas médias seja mais bem explicada em decorrência da maneira como foram apresentadas às crianças (em forma de narrativas em vídeo).

Outro questionamento foi: Pais mais engajados, enviando as perguntas reflexivas regularmente às pesquisadoras, podem dar condições para que os filhos se autoavaliem melhor? Seis mães, durante todo o processo, enviaram as respostas dos filhos; esse engajamento pode ser compreendido como sinalizador da expectativa de que algo seja feito em relação à alteração de comportamentos. Quatro mães não enviaram as respostas, manifestando menor engajamento.

A média de mudança na autoavaliação das crianças que tiveram suas mães mais engajadas foi de 16,6 escores e a das crianças que não tiveram o engajamento de 10 escores. Esse dado pode indicar a importância da participação dos pais na

mudança da autoavaliação dos filhos. Estudos como os de Del Prette e Del Prette, (2017c) ressaltam o valor dos pais na alteração de comportamento dos filhos. Apesar de não apontar alteração de comportamento, o presente estudo demonstrou alteração na percepção das crianças em relação ao seu próprio comportamento, indicando a importância do engajamento dos pais ao participarem da pesquisa e das perguntas reflexivas.

Por fim questiona-se: As perguntas reflexivas enviadas pelas pesquisadoras podem ter funcionado como um recurso a mais na autoavaliação pós-teste? Vários estudos (Lopes, Del Prette, 2017; Kestenberg, Falcone, 2017) ressaltam a importância de fornecer ao participante instruções detalhadas para o uso de material a ser utilizado. No presente estudo, não pode ser observado o comportamento das mães que realizaram as perguntas reflexivas aos filhos e se seu comportamento influenciou de alguma forma a autoavaliação dos filhos com respeito às habilidades sociais, uma vez que não foi permitido pelo comitê de ética, em decorrência da pandemia de COVID 19, a permanência do pesquisador no local da pesquisa. Entretanto, as instruções foram repassadas aos pais para amenizar dúvidas e questionamentos e a forma como as perguntas reflexivas deveriam ser realizadas.

Alguns estudos (SILVEIRA, 2021; LAGUNA, 2021), apontam que, no período de pandemia do COVID 19, as relações entre pais e filhos ficaram mais estressantes e podem ter afetado a autoavaliação dos filhos. Os recursos próprios da educação remota substituíram o contato direto entre professor e aluno, o que, por vezes, gerou preocupações por assumir novos papéis. Foram crescentes as queixas de falta de adaptação dos alunos ao ensino remoto, falta de atenção e motivação na realização das atividades, resultando em baixo desempenho acadêmico e aumento de problemas emocionais (SILVEIRA, 2021). Dessa forma, é importante estudarmos ainda se a falta de oportunidade de interação pode influenciar na autopercepção das crianças.

De acordo com Silveira (2021), a vida familiar foi modificada, os pais se afirmaram sobrecarregados com as demandas dos trabalhos remotos, as atividades domésticas e as atividades escolares dos filhos. Tais mudanças estão relacionadas aos riscos de transtornos psicológicos e ao surgimento de novos casos de depressão e ansiedade. Sobre a relação entre pais e filhos, Laguna (2021) observa que práticas inadequadas no ensino fundamental prejudicam o desempenho da criança, isso porque o ambiente impróprio de aprendizagem gera na criança insegurança sobre seus feitos, suas capacidades e na aprendizagem.

Sendo as inseguranças pessoais agravantes para uma baixa autoavaliação das próprias habilidades (STEVANATO, 2003), compreende-se que o período de pandemia pode ter causado resultados baixos quanto a automonitoria de crianças.

6 Considerações Finais

Reconhece-se um conjunto de limitações no presente estudo, que podem ser revertidas em perspectivas de futuros estudos, visando o aperfeiçoamento da intervenção e a promoção do conhecimento em habilidades sociais. Entre as limitações, ressalta-se a durabilidade do tempo antes e após as crianças assistirem as fábulas, podendo este tempo ser estendido. Também se poderia investigar mediante grupo controle. Outra possibilidade seria reaplicar o estudo fora do contexto de pandemia. Nesse processo, seria possível trabalhar ainda com uma amostra maior de participantes e realizar a aplicação do inventário de forma presencial e ainda apresentar as fábulas de outras maneiras, por exemplo, mediante dramatização, leitura etc.

Em síntese, os dados mostram a importância de se avaliar outros recursos, talvez mais acessíveis, para se trabalhar as habilidades sociais em contextos diversos e ainda que a autopercepção das crianças em relação às habilidades sociais pode ser promovida no contexto familiar. O presente estudo demonstrou, que o recurso das fábulas em si, pode não ser bom, necessitando de maiores investigações. Entretanto, a forma como o recurso das fábulas é capaz de ser utilizado pode contribuir na alteração da percepção sobre as habilidades sociais.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Marina et al. *Competência acadêmica de crianças do ensino fundamental: Características sociodemográficas e relação com habilidades sociais*. *Interação em Psicologia*, v. 10, n. 1, 2006.
- BANDEIRA, Marina et al. *Validação das escalas de habilidades sociais, comportamentos problemáticos e competência acadêmica (SSRS-BR) para o ensino fundamental*. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 25, n. 2, p. 271-282, 2009.
- BENÍTEZ, Y. G.; FLORES, S. M. *Sondeo de habilidades preacadémicas en niños y niñas mexicanos de estrato socioeconômico bajo*. *Revista Interamericana de Psicología*, 36(1/2), 255-277. 2002.
- BOLSONI, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria. *Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais*. *Estudos de Psicologia*, v. 7, p. 227-235, Natal, 2002.
- BOLSONI-SILVA, Alessabdra Turini; DEL PRETTE, Almir; OISHI, Jorge. *Habilidades sociais de pais e problemas de comportamento de filhos*. *Revista Argumento*, v. 5, n. 9, p. 11-29, 2003.
- BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini et al. *Habilidades sociais e problemas de comportamento de pré-escolares: comparando avaliações de mães e de professoras*. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 19, p. 460-469, 2006.
- BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; LOUREIRO, Sonia Regina; MARTURANO, Edna Maria. *Problemas de comportamento e habilidades sociais infantis: modalidades de relatos*. *Psico*, v. 42, n. 3, 2011.
- BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria; FREIRIA, Ludmilla Rubinger Bethonico. *Indicativos de problemas de comportamento e de habilidades sociais em crianças: um estudo longitudinal*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 23, p. 506-515, 2010.
- BOLSONI-SILVA, Alessandra; PERALLIS, Claudya; NUNES, Patrícia. *Problemas de comportamento, competência social e desempenho acadêmico: um estudo comparativo de crianças no ambiente escolar e familiar*. *Trends in Psychology*, v. 26, p. 1189-1204, 2018.
- BRITO, Danielle Santos. *A importância da leitura na formação social do indivíduo*. 2010.
- CABALLO, V. E. *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais* (S. M. Dolinsky, Trad.). São Paulo, SP: Santos, 2012.
- CASALI-ROBALINHO, Ivana Gisel; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. *Habilidades sociais como preditoras de problemas de comportamento em escolares*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 321-330, 2015.

- CIA, Fabiana; BARHAM, Elizabeth Joan. *Repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento, autoconceito e desempenho acadêmico de crianças no início da escolarização*. Estudos de psicologia (Campinas), v. 26, n. 1, p. 45-55, 2009.
- CRISTÓFANO, Sirlene. *Biblioterapia e a Literatura Infantil: formando leitores contra a criminalidade e a exclusão*. Trama, v. 11, n. 23, p. 130-159, 2015.
- DEL PRETTE, Zilda A.P.; DEL PRETTE, Almir. *Habilidades Sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção*. 2ª ed., Cap. 03, p. 77-119. Campinas: Alínea. 2014.
- DEL PRETTE, Zilda A.P.; DEL PRETTE, Almir. *Desenvolvimento interpessoal e educação escolar: o enfoque das habilidades sociais*. Temas psicologia, p. 217-229, 1998.
- DEL PRETTE, Zilda A.P.; DEL PRETTE, Almir. *Habilidades Sociais e Competência Social para uma Vida Melhor*. Edufscar, 2017a.
- DEL PRETTE, Zilda A.P.; DEL PRETTE, Almir. *Competência Social e Habilidades Sociais: manual teórico e prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b.
- DEL PRETTE, Zilda A.P.; DEL PRETTE, Almir. *Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: teoria e prática*. Editora Vozes Limitada, 2017c.
- DEL PRETTE, Zilda A.P.; DEL PRETTE, Almir. *Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia, Educação e trabalho*. Editora Vozes Limitada, 2011.
- DEL PRETTE, Zilda A.P.; DEL PRETTE, Almir. *Sistema Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças (SMHSC-Del-Prette & Del Prette)*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2005.
- DEL PRETTE, Zilda A.P.; DEL PRETTE, Almir. *Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas [A classification system of educative social skills]*. Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação, 18 (41), 517-530. 2008.
- DIAS, Érika. *A Educação, a pandemia e a sociedade do cansaço*. 2021.
- FERNANDES, Luana de Mendonça et al. *Preditores do desempenho escolar ao final do ensino fundamental: histórico de reprovação, habilidades sociais e apoio social*. Trends in Psychology, v. 26, p. 215-228, 2018.
- FERREIRA, Fernanda; PRETTO, Valdir. *A importância da utilização da literatura infantil para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança*. In: XVI Jornada Nacional de Educação-Educação: território de saberes. 2012. p. 91.
- FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. *Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar*. Psicologia: Reflexão e crítica, v. 15, p. 35-44, 2002.

- FONTES, Bruna Carla de. *A literatura infantil e a formação do aluno por meio das fábulas*. 2018.
- GRESHAM, F. M.; LANE, K. L.; MACMILLAN, D. L.; BOCIAN, K. M.; WARD, S. L. *Effects of positive and negative illusory biases: Comparisons across social and academic self-concept domains*. 2000.
- GRESHAM, F.; ELLIOTT, S. *Social skills rating system: Manual*. USA: American Guidance Service. 1990.
- GUERRA, Livia Lira de Lima; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. *Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento de Crianças sob Acolhimento Institucional*. Psico-USF, v. 25, p. 273-284, 2020.
- GUIMARÃES, Gehysa; AERTS, Denise; CÂMARA, Sheila Gonçalves. *A escola promotora da saúde e o desenvolvimento de habilidades sociais*. Diaphora, v. 12, n. 2, p. 88-95, 2014.
- KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. *Metodologia da pesquisa: um guia prático*. 2010.
- MARTINS, M. *Educação para os valores, desenvolvimento sociomoral e literatura infanto-juvenil*. Revista Aprender: II Jornadas de Literatura Infanto-Juvenil, p. 5-10, 2013.
- MILES, S. B.; STEPEK, D. *Contemporaneous and longitudinal associations between social behavior and literacy achievement in a sample of low-income elementary school children*. Child Development, 2006.
- ORTIGÃO, Maria Isabel Ramalho; AGUIAR, Glauco Silva. *Repetência escolar nos anos iniciais do ensino fundamental: evidências a partir dos dados da Prova Brasil 2009*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 94, p. 364-389, 2013.
- PALLOTTA, Míriam Giberti Páttaro. *Reflexões sobre a prática da tradução para Monteiro Lobato: análise da obra Fábulas*. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. Vol.13. 2008.
- PASCHE, Alice Dias et al. *Treinamento de Habilidades Sociais no Contexto Escolar - Um Relato de Experiência*. Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, v. 11, n. 2, p. 166-179, jul. 2019.
- PINHEIRO, Maria Isabel Santos et al. *Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento*. Psicologia: reflexão e crítica, v. 19, p. 407-414, 2006.
- PIZATO, Elaine Cristina Gardinal; MARTURANO, Edna Maria. *Trajetórias de habilidades sociais e problemas de comportamento no ensino fundamental: influência da educação infantil*. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 27, p. 189-197, 2014.

- QUEIROZ, Ricardo et al. *A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências*. Revista Areté| Revista Amazônica de Ensino de Ciências, v. 4, n. 7, p. 12-23, 2017.
- RODRIGUES, Marisa Cosenza; TAVARES, Aline Lima. *Desenvolvimento sociocognitivo e histórias infantis: subsídios para a prática docente*. Paidéia, v. 19, n. 44, p. 323-331, 2009.
- ROSA, Ildicéia de Andrade. *A contribuição dos contos de fadas e fábulas no processo de ensino aprendizagem na educação infantil*. 2013.
- ROSIN-PINOLA, Andréa Regina; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. *Inclusão escolar, formação de professores e a assessoria baseada em habilidades sociais educativas*. Revista brasileira de educação especial, v. 20, n. 3, p. 341-356, 2014.
- SANTOS, Juliana Pinto dos et al. *Literatura infantil como recurso para promoção de habilidades sociais na prática de professoras da educação infantil*. 2019.
- SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de et al. *Julgamentos sobre ações e sentimentos em interpretações de histórias: uma abordagem piagetiana*. Psico-usf, v. 13, n. 2, p. 265-276, 2008.
- SOUZA, Marisangela Siqueira de; SOARES, Adriana Benevides; FREITAS, Clarissa Pinto Pizarro de. *Efeitos de um treinamento de habilidades sociais no comportamento e desempenho acadêmico*. Avaliação Psicológica, 2018.
- STEVANATO, Indira Siqueira et al. *Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento*. Psicologia em estudo, v. 8, p. 67-76, 2003.
- TERENZI, Juan Manuel; SCHERER, Telma. *Sobrevivência e Renovação: Esopo, Fedro e La Fontaine*. Cad. Trad. Florianópolis, v. 38, n. 2, p. 97-119, Aug. 2018.
- TOZZE, Karina Ferraz; BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. *Intervenção em grupo com pais de adolescentes com problemas de comportamento internalizantes*. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. 19, n. 4, p. 6-24, 2017.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies*. ALFA: Revista de Linguística, v. 51, n. 1, 2007.
- TRIVELLATO-FERREIRA, M. C.; MARTURANO, E. M. *Recursos da criança, da família e da escola predizem competência na transição da 1ª série*. Revista Interamericana de Psicología, 2008.
- VALLE, Tânia G. M. do; GARNICA, Karina R. H. *Avaliação e treinamento de habilidades sociais de crianças em idade pré-escolar*. Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções, p. 49-75, 2009.
- VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*. (Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka). São Paulo: Ática, 2009.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do Projeto: O QUE POSSO APRENDER COM AS FÁBULAS INFANTIS? Um Estudo Com Mães E Filhos Sobre Habilidades Sociais

Responsáveis: Daniela dos Santos Américo e Irani Lauer Lellis

Oi! Meu nome é Daniela dos Santos Américo, sou aluna do Mestrado da UFOPA, e convido a responsável da criança: _____, idade _____, para participar dessa pesquisa, com o intuito de que permita o desenvolvimento de uma atividade para coleta de dados e sanar as questões pertinentes da pesquisa que aqui será apresentada. Caso aceite, após os devidos esclarecimentos, por favor, assine ao final deste documento, que está em duas vias (uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável), e rubrique as demais páginas deste documento. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa chama-se “**O QUE POSSO APRENDER COM AS FÁBULAS INFANTIS? Um Estudo Com Mães E Filhos Sobre Habilidades Sociais**”, e será realizada para conhecer como a leitura para crianças influencia no desenvolvimento das habilidades sociais. O que queremos realizando esta pesquisa é mostrar que crianças de idades entre 9 a 11 anos, conseguem entender comportamentos habilidosos se estes lhe são apresentados de forma lúdica, e as fábulas seriam uma ferramenta adequada para se transmitir em ambientes coletivos com o intuito de trazer para a realidade do dia a dia, lições que auxiliam no desenvolvimento das habilidades sociais.

Estamos convidando para participar desta pesquisa mães e crianças com idades de 9 a 11 anos, de ambos os sexos e que demonstre capacidade cognitiva e linguística adequada para compreender a proposta e a atividade apresentada.

Caso você permita a realização pesquisa, será necessário:

1. Buscar compreender o intuito e metodologia proposta na pesquisa;
2. Permitir a pesquisadora entrar em contato direto com seus filhos (a) e realizar a atividade de coleta de dados;
3. Assentimento e consentimento para que seus filhos (as) participem da atividade proposta para coleta de dados;
4. Permitir que seu filho (a) responda um questionário denominado SSRS-BR/crianças com 20 questões sobre seus comportamentos sociais
5. Acompanhar a proposta de assistir e interagir com a criança a partir de fábulas que serão disponibilizadas pelo aplicativo ‘YouTube’
6. Responder um questionário denominado SSRS-BR/pais, com 55 questões sobre as habilidades e comportamentos de seu filho (a)

Fique sabendo que estes procedimentos envolvem alguns riscos e desconfortos a sua criança, e ao concordar em participar desta pesquisa você deverá estar ciente que os mesmos podem ser exposto à: a) Um leve cansaço durante o preenchimento do questionário; b) Indisposição ao refletir sobre as fábulas

apresentadas; c) Desconforto por identificar-se com algum conteúdo das fábulas ou até mesmo lembrar-se de algum contexto familiar e/ou passado. Para minimizar ou anular estes riscos as histórias serão contadas de maneira interativa, ou seja, trazendo imagens e desenhos animados para ilustrar aquilo que vem sendo exposto.

Ainda assim, caso algum dano físico, moral ou psicológico ocorra devido aos procedimentos desta pesquisa, os pesquisadores irão realizando o encaminhamento de mães e/ou filhos (as) para um atendimento técnico responsável, pelo tempo que for preciso.

Contudo, caso aceite esse convite, sua participação neste estudo você terá o benefício de 1) Buscar informações sobre o uso das fábulas; 2) Levar as crianças envolvidas na pesquisa uma experiência reflexiva com personagens que lhes gerem interesse; 3) Acrescentar a rotina de mães e filhos atividades de leitura baseada em insumos empíricos; 4) Ofertar estratégias que promovam o ato da leitura; 5) Colher dados para futuras pesquisas científicas que busquem o acréscimo de Habilidades Sociais apoiado pelo ato da leitura; 6) Levar a comunidade científica dados que servirão de referência para trabalhos posteriores.

Fique sabendo também que o seu anonimato será garantido durante e após esta pesquisa. Os resultados deste estudo ficarão de posse do pesquisador responsável que somente os utilizará para a divulgação em meios científicos. Quando os resultados da pesquisa forem publicados, não aparecerá o seu nome.

Sua participação neste estudo é voluntária e, portanto você tem a liberdade de se recusar a participar, ou mesmo que inicialmente aceite participar, poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade, prejuízo ou perda de algum benefício adquirido na pesquisa.

Você poderá ter todas as informações que quiser antes, durante e após o estudo. Para isto basta me procurar a qualquer momento, pode ligar para o número (93) 99161-6236 ou enviar um e-mail para danielaamericoa@hotmail.com;

O comitê de ética trata-se de um grupo de pessoas comprometidas (das mais diversas áreas), que se reúnem, debatem e avaliam se projetos de pesquisa atendem aos requisitos éticos necessários para serem desenvolvidos, buscando defender os interesses, a segurança e a dignidade dos participantes destas investigações científicas. Caso seja necessário você também poderá obter informações sobre esta pesquisa, no comitê de ética da instituição UEPA, localizada na Avenida. Plácido de Castro, 1399, bairro Aparecida, sob o CEP 68040-090, ou contactar a mesma pelo número (93)3512-8013 ou no e-mail ceptapajos@uepa.br

Vale ressaltar que pela sua participação nesta pesquisa você não receberá qualquer valor em dinheiro. Contudo você não terá qualquer custo ou despesa por sua participação nesta pesquisa.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu _____ declaro que li as informações sobre a pesquisa e que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o seu conteúdo. Declaro ainda que por minha livre vontade, aceito participar desta pesquisa, cooperando para a coleta das informações necessárias.

Ressalto que estou assinando/rubricando em todas as folhas do TCLE e que isso está sendo feito em duas vias deste documento (TCLE), sendo que uma delas ficará comigo.

Santarém, ____/____/____.

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento livre e esclarecido deste participante, explicando-o sobre os procedimentos e riscos desta pesquisa e sanando suas dúvidas, conforme determina a Resolução CNS 666/21.

Assinatura do Pesquisador

Contato do pesquisador (093)99161-6236

APÊNDICE B – MODELO DE AVALIAÇÃO DAS FÁBULAS PARA O LEHS

Modelo da atividade para o grupo LEHS, com o intuito de avaliar a presença de habilidades sociais nas fábulas

O gato Vaidoso

Moravam na mesma casa dois gatos iguaizinhos no pelo, mas desiguais na sorte. Um, mimado pela dona, dormia em almofadões. O outro, no feno. Um tomava leite e comia no colo. O outro, por feliz se dava com as espinhas de peixe do lixo.

Certa vez, cruzaram-se no telhado e o bichano de luxo arrepiou-se todo, dizendo:

- Desvie de mim, vagabundo! Não vês que és pobre e eu sou rico? Que és gato de cozinha e eu sou gato de salão? Respeita-me, pois, e desvia...
- Alto lá, senhor orgulhoso! Lembra-te de que somos irmãos, criados no mesmo ninho.
- Sou nobre. Sou mais que tu!
- Em quê? Não mias como eu?
- Mio.
- Não tens rabo como eu?
- Tenho.
- Não caças ratos como eu?
- Caço.
- Não comes rato como eu?
- Como.
- Logo, não passas dum simples gato igual a mim. Abaixa, pois a crista desse orgulho e lembra-te que mais nobreza do que eu não tens - o que tens é apenas um bocado mais de sorte...

QUESTIONÁRIO

A fábula possui características de Habilidades Sociais Infantis? _____ Quais:

CIVILIDADE		FAZER E MANTER AMIZADES	
EMPATIA		SOLUÇÃO DE PROBLEMAS INTERPESSOAIS	
AUTOCONTROLE DAS EMOÇÕES		HABILIDADES SOCIAIS ACADÉMICAS	
ASSERTIVIDADE			

Obs: _____

Para quais idades você acredita que essa Fábula deva ser trabalhada:

04 a 05	
06 a 08	
09 a 11	
12 a 14	

Você encontrou ou acredita que algum termo deva ser modificado para a melhor compreensão da criança? Quais:
